



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA  
UNIDADE ACADÊMICA DE DESIGN  
MESTRADO ACADÊMICO EM DESIGN**

**AGENOR VELOSO DA SILVA JÚNIOR**

**Avaliação afetiva do mobiliário urbano inspirado no “Déco  
Sertanejo” em Campina Grande-PB**

Campina Grande - PB

Setembro de 2019

**Agenor Veloso da Silva Júnior**

**Avaliação afetiva do mobiliário urbano inspirado no “Déco Sertanejo” em Campina Grande-PB**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do grau de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande.

Linha de Pesquisa: Ergonomia, ambiente e processos

Orientador: Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva

Campina Grande - PB

Setembro de 2019

S586a

Silva Júnior, Agenor Veloso da.

Avaliação afetiva do mobiliário urbano inspirado no “Decó Sertanejo” em Campina Grande-PB / Agenor Veloso da Silva Júnior. - Campina Grande, 2019.

110 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Design) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Ciências e Tecnologia, 2019.

"Orientação: Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva.

Referências.

1. Mobiliário Urbano. 2. Mobiliário Urbano - Percepção. 3. Ambiente - Projeto. 4. Espaço Público. I. Silva, Itamar Ferreira da. II. Título.

CDU 747(043)

Agenor Veloso da Silva Júnior

**Avaliação afetiva do mobiliário urbano inspirado no “Déco  
Sertanejo” em Campina Grande-PB**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Design,  
e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação em Design da  
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG.

Campina Grande, 11 de Setembro de 2019.

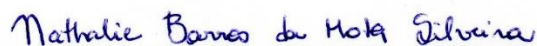
Banca Examinadora:



---

Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva (Orientador)

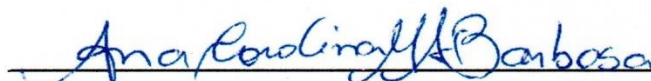
Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



---

Profa. Dra. Nathalie Barros da Mota Silveira (Membro Interno)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG



---

Profa. Dra. Ana Carolina de Moraes Andrade Barbosa (Membro Externo)

Universidade Federal de Pernambuco – UFPE/CAA

Dedico esta dissertação a minha esposa Isis Tatiane, a meus filhos Ian e Catarina e a meus pais Nevinha e Agenor (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por todas as coisas boas e más que me aconteceram, pois me fizeram crescer e ser quem eu sou. A minha família, especialmente a minha esposa Isis Tatiane por sua compreensão e ser meu porto seguro.

Ao orientador Prof. Dr. Itamar Ferreira da Silva, por ter aceitado me ajudar em um momento muito complicado da minha vida. Sua disponibilidade foi um grande impulso no desenvolvimento da minha pesquisa, trazendo novo fôlego no desenrolar de todo o projeto.

Aos professores Natã Moraes de Oliveira (*in memoriam*) e Glielson Montenegro Nepomuceno pela especial ajuda no processo de pesquisa documental.

À pesquisadora e professora Lia Mônica Rossi (*in memoriam*) por seu trabalho e dedicação à valorização do Art Déco Sertanejo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Design, por terem contribuído na minha formação como pesquisador e pela oportunidade de vivenciar experiências únicas nesse processo.

À CAPES pelo apoio financeiro que viabilizou o desenvolvimento da pesquisa.

A todos que, direta ou indiretamente, tornaram essa jornada possível. Serei sempre grato!

“Deus é Maior!”

**Maria das Neves Lima Veloso**

SILVA JÚNIOR, Agenor Veloso da. **Avaliação afetiva do mobiliário urbano inspirado no “Déco Sertanejo” em Campina Grande-PB.** 2019. 110 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande – PB. Campina Grande, 2019.

## RESUMO

Este trabalho analisa a interação entre os usuários e o mobiliário urbano inserido em um ambiente público, levando em consideração as emoções geradas em um contexto específico. O ambiente escolhido como estudo de caso foi o centro da cidade de Campina Grande-PB, por ter se tornado um local de intervenção projetual com o propósito de requalificação urbana (Projeto Campina Déco), implementado no início deste século. Fez-se necessário: caracterizar o ambiente urbano estudado; avaliar a percepção dos usuários sobre o mobiliário urbano existente, relacionando-o com suas principais emoções; verificar se as emoções sobre o espaço urbano podem influenciar o uso do mobiliário urbano nele inserido. Para atingir os objetivos dessa pesquisa adotou-se a estratégia de métodos mistos. Como se trata de uma pesquisa qualitativa, foram utilizados procedimentos de coleta de dados como: observação estruturada; entrevistas e questionários aplicados aos usuários de forma individual e em grupo (grupos focais). Como resultados, foram identificados diversos problemas que estão diretamente ligados à qualidade e vitalidade do ambiente, gerando sentimentos negativos ao usuário, diminuindo a sensação de valorização e posse que é tão importante para uma boa interação. Frente ao exposto, pôde-se responder à pergunta norteadora desta pesquisa, ao verificar que o mesmo mobiliário urbano (projetado com referência formal e estética no “Déco Sertanejo”) pode se integrar, ou não, ao ambiente construído, dependendo de sua interação com o entorno e com os usuários.

**Palavras-chave:** Mobiliário Urbano. Percepção. Projeto. Espaço público.



SILVA JÚNIOR, Agenor Veloso da. **Affective assessment of urban furniture inspired by the “Decó Sertanejo” in Campina Grande-PB.** 2019. 110 p. Dissertação (Mestrado em Design) – Programa de Pós-graduação em Design da Universidade Federal de Campina Grande – PB. Campina Grande, 2019.

### **ABSTRACT**

This paper analyzes the interaction between users and street furniture inserted in a public environment, taking into account the affective aspects generated in a specific context. The environment chosen as a case study was the city center of Campina Grande-PB, as it became a project intervention site for the purpose of urban requalification (Campina Déco Project), implemented in the beginning of this century. It was necessary to: characterize the urban environment studied; evaluate users' perception of existing street furniture, relating it to their main emotions; to verify whether the affective aspects about the urban space can influence the use of the urban furniture inserted in it. To achieve the objectives of this research, the mixed methods strategy was adopted. As this is a qualitative research, we used data collection procedures such as: structured observation; interviews and questionnaires applied to users individually and in groups (focus groups). As a result, several problems were identified that are directly linked to the quality and vitality of the environment, generating negative feelings to the user, reducing the sense of appreciation and possession that is so important for a good interaction. Given the above, we could answer the guiding question of this research, by verifying that the same urban furniture (designed with formal and aesthetic reference in the “Déco Sertanejo”) may or may not integrate with the built environment, depending on its interaction with the building, surroundings and with users.

**Keywords:** Urban furniture. Perception. Design. Public space.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Cidade de Campina Grande – PB .....	17
Figura 2	Prédio da Prefeitura na rua Maciel Pinheiro, década de 1942 .....	18
Figura 3	Cartaz de divulgação da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de 1925 .....	24
Figura 4	Empire State Building, à esquerda e Chrysler Building, à direita ....	26
Figura 5	Clevelander Hotel Miami Beach .....	27
Figura 6	Central do Brasil, 1937 .....	28
Figura 7	Entrada do Edifício Itahy, no Rio de Janeiro, com a sereia índia no centro .....	29
Figura 8	Edifício Guahy, Rio de Janeiro .....	30
Figura 9	Edifício Ypiranga, Rio de Janeiro .....	30
Figura 10	Figura 10: Teatro Goiânia de 1942, Goiânia – GO .....	31
Figura 11	Antiga sede dos Correios e Telégrafos, 1933 .....	32
Figura 12	Figura 12: Rua Maciel Pinheiro, 1950 .....	33
Figura 13	Fachada do Cassino Eldorado .....	34
Figura 14	Exemplos de fachadas que ilustram grupos perceptuais .....	35
Figura 15	Rua Maciel Pinheiro, projeto “Campina Déco” .....	36
Figura 16	Banco desenvolvido com características formais remetidas ao Art Déco .....	37
Figura 17	Assento .....	38
Figura 18	Esfera de acabamento .....	38
Figura 19	Placa de sinalização .....	39
Figura 20	Características estéticas da Arquitetura no mobiliário urbano .....	40

Figura 21	Calçadão no centro de Campina Grande, anos 1980 .....	41
Figura 22	Calçadão reduzido a pequeno trecho da rua Cardoso Vieira .....	42
Figura 23	Espaço vital – íntimo, semipúblico e público .....	44
Figura 24	Figura 24: High Line, em Nova Iorque .....	47
Figura 25	Diagrama de avaliação afetiva .....	50
Figura 26	Diagrama de avaliação afetiva .....	51
Figura 27	Parque Discovery Green, Houston, Estados Unidos .....	52
Figura 28	Mobiliário urbano da JCDecaux .....	54
Figura 29	Relação entre qualidade do ambiente e atividades desenvolvidas ..	55
Figura 30	Fluxograma geral da metodologia de pesquisa .....	58
Figura 31	Resumo da estratégia de pesquisa .....	59
Figura 32	Imagens apresentadas ao grupo focal .....	62
Figura 33	(A) Diagrama de avaliação afetiva do centro histórico; (B) Construção do diagrama pelo GF2 (usuários finais/comuns) .....	63
Figura 34	Mobiliário urbano da rua Maciel Pinheiro (ilhas de convivência) .....	66
Figura 35	Ilhas de convivência localizadas no mapa; vista superior da ilha e seus elementos .....	67
Figura 36	Distribuição e layout do Calçadão da Cardoso Vieira .....	68
Figura 37	Placa de sinalização .....	69
Figura 38	Usuários sentados nos bancos antes das lojas abrirem .....	70
Figura 39	Mobiliário urbano danificado .....	71
Figura 40	Calçadão da Cardoso Vieira .....	72
Figura 41	Diagramas de avaliação afetiva – Grupos Focais .....	75
Figura 43	Posicionamento dos atributos do diagrama de avaliação afetiva dos usuários primários/especialistas .....	83

Figura 44	Posicionamento dos atributos no diagrama de avaliação afetiva dos usuários finais/comuns, de acordo com suas emoções positivas e negativas relacionadas à rua Maciel Pinheiro .....	86
Figura 45	Diagrama de avaliação afetiva dos usuários comuns do Calçadão da Cardoso Vieira .....	88
Figura 46	Comparativo dos aspectos afetivos dos usuários da rua Maciel Pinheiro e do Calçadão da Cardoso Vieira .....	90
Figura 47	Comparativo entre diagramas de avaliação afetiva dos usuários Pesquisadores .....	91
Figura 48	Comparação da avaliação afetiva dos usuários comuns .....	92

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Síntese da tipologia de pesquisa .....	20
Quadro 2	Condicionantes para análise ambiental .....	47
Quadro 3	Mobiliário Urbano existente no ambiente estudado .....	49
Quadro 4	Condições para análise e comparação dos ambientes de estudo .....	57
Quadro 5	Percepções positivas e negativas dos usuários primários/especialistas .....	61
Quadro 6	Percepções positivas e negativas dos usuários finais/comuns sobre a rua Maciel Pinheiro .....	64
Quadro 7	Percepções positivas e negativas dos usuários finais/comuns sobre o Calçadão da Cardoso Vieira .....	65

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1.1 Contextualização</b> .....	17
<b>1.2 Problemática</b> .....	19
<b>1.3 Objetivo geral</b> .....	20
<b>1.4 Objetivos específicos</b> .....	20
<b>1.5 Justificativa</b> .....	20
<b>1.6 Delimitação do estudo/pesquisa</b> .....	21
<b>1.7 Estrutura da dissertação</b> .....	23
<b>CAPÍTULO 2 – REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	24
<b>2.1 Art Déco</b> .....	24
2.1.1 Art Déco no Brasil .....	27
2.1.2 Art Déco em Campina Grande .....	31
2.1.3 “Déco Sertanejo” e o Projeto Campina Déco .....	34
<b>2.2 Mobiliário Urbano e Afetividade</b> .....	42
2.2.1 Emoção .....	42
2.2.2 O design no contexto urbano .....	44
2.2.3 A afetividade no contexto urbano .....	48
2.2.4 Mobiliário urbano .....	52
<b>CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E TÉCNICAS</b> .....	57
<b>3.1 Caracterização da pesquisa</b> .....	57
<b>3.2 Metodologia</b> .....	57
3.2.1 Etapa 1: Caracterização do espaço .....	59

3.2.1.1	<i>Coleta e processamento de dados (etapa 1)</i> .....	61
3.2.2	Etapa 2: Identificação dos atributos para avaliação de espaços urbanos, relacionados à percepção dos usuários .....	61
3.2.2.1	<i>Coleta e processamento de dados (etapa 2)</i> .....	63
3.2.3	Etapa 3: Avaliação dos usuários sobre o espaço urbano, de acordo com suas emoções .....	63
3.2.3.1	<i>Coleta e processamento de dados (etapa 3)</i> .....	64
3.2.4	Etapa 4: Comparação das entrevistas aplicadas entre os usuários finais/comuns .....	64
3.2.4.1	<i>Coleta de dados (etapa 4)</i> .....	65
<b>CAPÍTULO 4 – RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....		66
<b>4.1</b>	<b>Caracterização do ambiente (etapa 1)</b> .....	66
4.1.1	A rua e o calçadão – distribuição e organização .....	66
4.1.2	A utilização do espaço .....	70
4.1.3	Condições para análise do ambiente identificadas no local da pesquisa .....	72
<b>4.2</b>	<b>Identificação dos atributos presentes em espaços urbanos, relacionados à percepção dos usuários (etapa 2)</b> .....	74
<b>4.3</b>	<b>Avaliação dos usuários sobre o espaço urbano estudado, de acordo com suas emoções (etapa 3)</b> .....	76
4.3.1	Aplicação de entrevistas aos usuários primários/especialistas .....	77
4.3.1.1	<i>Conclusão da aplicação das entrevistas aos usuários primários/especialistas</i> .....	81
4.3.2	Aplicação de formulários aos usuários primários/especialistas .....	82
4.3.3	Aplicação de formulários aos usuários finais/comuns.....	84
4.3.4	Análise do mobiliário urbano, segundos os usuários.....	91

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>94</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>97</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>104</b>



## CAPÍTULO 1 – INTRODUÇÃO

### 1.1 Contextualização

O município de Campina Grande (Figura 1) é a principal cidade do interior do Estado da Paraíba, localizada na região agreste, com aproximadamente 405 mil habitantes, segundo dados do último Censo, realizado em 2010 (IBGE, 2015). Do ponto de vista de seu potencial econômico, a cidade se destaca por ser um polo tecnológico de reconhecimento internacional, pelas pesquisas científicas realizadas em suas universidades públicas e privadas, bem como pelo seu parque tecnológico. Deste modo, possui um bom desenvolvimento urbano, com a presença de indústrias, hotéis, franquias, edificações e outros elementos que a compõem.

Figura 1: Cidade de Campina Grande – PB.



Fonte: [www.peticaopublica.com.br](http://www.peticaopublica.com.br)

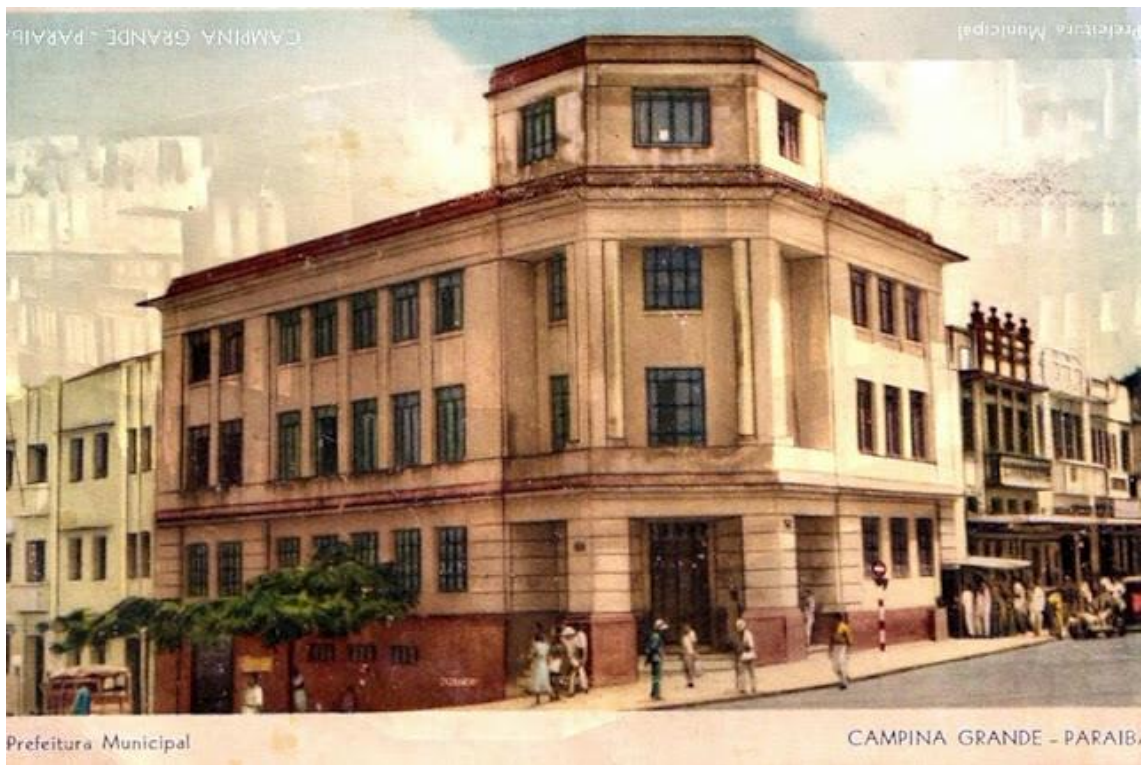
Anteriormente conhecida como Vila Nova da Rainha, foi elevada à categoria de cidade em 11 de outubro de 1864, quando possuía cerca de 300 casas ao longo da Rua da Matriz (Floriano Peixoto), Rua do Meio (Afonso Campos), Rua Grande (Maciel Pinheiro), Rua do Seridó (Barão do Abiaí) e Rua da Emboca (Peregrino de Carvalho). A implantação do terminal férreo em 1907 pelo então prefeito Cristiano Lauritzen, trouxe o progresso à Campina Grande (ARAÚJO e SOUZA, 2011).

A cidade do final do século XIX e início do século XX tinha entre suas principais características o aspecto colonial de suas edificações. Seu desenvolvimento urbano teve início na década de 1930 (OLIVEIRA, 2007), devido à necessidade de modernização da cidade, tendo o Art Déco como linguagem arquitetônica única e

exclusiva desse processo (QUEIROZ, 2016). Em 1972 houve uma nova preocupação com a reorganização do espaço urbano, através da realização de diversos estudos para expansão, com vistas à melhor qualidade de vida e funcionalidade da cidade, nascendo, em 1973, o PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado).

Nesse período começou a surgir, através da pesquisadora Lia Mônica Rossi<sup>1</sup>, um interesse sobre os relevos das fachadas e seus jogos geométricos característicos do Art Déco dos anos 1930 e 1940, que predominavam na arquitetura local (Figura 2), levando ao surgimento do termo “Déco Sertanejo”.

Figura 2: Prédio da Prefeitura na rua Maciel Pinheiro, década de 1942.



Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com>

Segundo Rossi (2010), o termo “Déco Sertanejo” surgiu através de estudos realizados em várias localidades do interior nordestino. Foram coletados diversos exemplos dessa manifestação e esse conjunto de informações foi apresentado à Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), no ano de 1984, sob o título de “Art Déco Sertanejo”.

<sup>1</sup> Designer pela ESDI/UERJ 1973, mestre em Eng. da Produção Coppe/UFRJ, 1981, lecionou de 1979 a 1996 na UFPB e outras universidades. Consultora e pesquisadora de manifestações populares nordestinas em artesanato e arquitetura. Desde 2002 mantém o site [www.art-deco-sertanejo.com](http://www.art-deco-sertanejo.com).

No final da década de 1990, através do projeto denominado “Campina Déco”, a prefeitura municipal iniciou um processo de revitalização do centro histórico da cidade e a primeira e única área a ser contemplada foi a rua Maciel Pinheiro (ROSSI, 2010). Dentro desse projeto, foram realizadas diversas ações como: a retirada da fiação aérea e postes de concreto, redefinição de estacionamentos, criação de acesso para cadeirantes e inserção de mobiliário urbano.

## 1.2 Problemática

O crescimento das grandes cidades tem modificado o modo como o ser humano percebe o ambiente em que vive. Elementos físicos, como os objetos que são considerados equipamentos urbanos (lixeiras, postes de iluminação, mobiliários, etc.), associados à paisagem urbana, podem interferir na compreensão e principalmente na legibilidade<sup>2</sup> da cidade, gerando lembranças, emoções e significados (LYNCH, 2010; PIZZATO, 2013; MONTENEGRO, 2014). Deste modo, a percepção do espaço público pelo usuário e sua relação com o mobiliário urbano<sup>3</sup> devem ser pensados como importantes fatores à compreensão do ambiente.

No contexto da cidade, o mobiliário urbano pode representar uma construção frágil, no sentido de um produto genérico sendo simplesmente inserido em determinado ambiente, sem nenhuma preocupação com a identidade e cultura local (KOOLHAAS, 2011). Essa predisposição de impessoalidade pode ser comumente apresentada na paisagem urbana das cidades contemporâneas.

De forma inversa, este trabalho pretende analisar a relação produto-usuário-ambiente em um contexto onde os equipamentos urbanos tenham sido pensados para os locais nos quais estejam inseridos.

Assim, optou-se por analisar o mobiliário urbano instalado no centro da cidade de Campina Grande, mais precisamente na rua Maciel Pinheiro e no Calçadão da Cardoso Vieira, a partir do processo de revitalização ocorrido no início do Século XXI com o projeto “Campina Déco”, inspirado no Art Déco<sup>4</sup>. Mesmo tendo sido pensado

---

<sup>2</sup> LEGIBILIDADE no contexto urbano é tudo aquilo que possa ser lido, decifrado e compreendido pelo habitante (LYNCH, 1997).

<sup>3</sup> MOBILIÁRIO URBANO engloba “todos os objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantados mediante autorização do poder público em espaços públicos e privados” (ABNT, 1986).

<sup>4</sup> ART DÉCO – Linguagem estética lançada formalmente na *Exposition Internacionalle des Arts Décoratives et Industrielles Modernes* de Paris, em 1925 (QUEIROZ, 2016).

para estes locais, não se sabe se sua interação com os usuários desperta emoções que correspondam às expectativas da população com relação ao espaço utilizado.

Frente ao exposto, pôde-se gerar a pergunta norteadora desta pesquisa, que consiste no seguinte entendimento: **O mobiliário urbano projetado com referência formal e estética no “Déco Sertanejo”, se integra ao ambiente construído, gerando sentimentos de pertencimento a partir de seu uso?**

Ressalta-se que a análise do contexto urbano, com foco nos equipamentos que o constituem, não deve desconsiderar o fator afetivo, por ser intrínseco à relação usuário e produto. A função de um produto especifica as atividades que ele suporta e para as quais foi projetado (NORMAN, 2008). Nesse sentido, pode-se entender que se um mobiliário urbano for projetado para atender uma determinada função e for inserido no ambiente urbano de forma coerente, terá uma grande chance de obter uma boa legibilidade e seu desempenho será satisfatório, resultando em emoções positivas. Entretanto, se o desempenho ficar abaixo do esperado, tornando-se inadequado, o mobiliário pode frustrar o usuário a ponto de gerar emoções negativas.

### **1.3 Objetivo geral**

Avaliar os aspectos afetivos na interação dos usuários com o mobiliário urbano situados no centro histórico de Campina Grande-PB resultante da revitalização ocorrida a partir do projeto Campina Déco.

### **1.4 Objetivos específicos**

- Caracterizar o ambiente urbano estudado;
- Identificar o mobiliário urbano inserido no espaço público pesquisado;
- Apresentar o atual estado de conservação do mobiliário urbano;
- Avaliar o espaço urbano de acordo com os aspectos afetivos dos usuários;
- Verificar se os aspectos afetivos sobre o espaço urbano podem influenciar o uso do mobiliário urbano nele inserido.

### **1.5 Justificativa**

O mobiliário urbano da rua Maciel Pinheiro foi escolhido como objeto de estudo levando em conta alguns fatores imprescindíveis ao desenvolvimento da pesquisa, como: (1) importância cultural e histórica para o cidadão, o que possibilita a

assimilação de uma identidade urbana que deve contribuir para a vitalidade do local; (2) existência de conjunto de mobiliário urbano projetado especificamente para o ambiente onde está inserido, podendo eliminar o caráter de impessoalidade, característico da maioria dos produtos desenvolvidos de forma genérica; (3) a localização, que possibilitou o acesso ao espaço estudado, como também aos seus usuários tornando a pesquisa viável e (4) o contato direto com especialistas envolvidos no projeto.

Do ponto de vista urbano e social, pode-se entender que a necessidade de projetar equipamentos capazes de suprir tanto as questões culturais quando as questões urbanísticas, agradando a maior parte dos usuários. Também faz com que a análise do ambiente, através de aspectos relacionados à afetividade, possa apresentar um melhor entendimento sobre o comportamento das pessoas no espaço público, possibilitando, então, o desenvolvimento de soluções para problemas como o vandalismo (PIZZATO, 2013).

Já do ponto de vista acadêmico, a análise do mobiliário urbano inserido no ambiente da cidade, vista pela ótica da afetividade, traz a possibilidade de desenvolver uma cultura multidisciplinar, apresentando diversos olhares de diferentes áreas como os profissionais de Arquitetura, Urbanismo e Design, podendo nortear trabalhos futuros.

O processo de concepção de projetos urbanísticos através de pesquisas multidisciplinares deve considerar aspectos socioculturais, históricos, urbanos e cognitivos, proporcionando uma diversidade de pontos de vista que colaborem no desenvolvimento de produtos que apresentem uma maior interação entre o usuário e o ambiente urbano. Com isso o projeto deve se tornar uma solução pontual, com características locais e adequado às necessidades dos usuários de onde está sendo inserido.

## **1.6 Delimitação do estudo/pesquisa**

Dentro de um grupo de usuários que se mostra bem diversificado, faz-se necessária a sua identificação e uma separação que facilite ao pesquisador o entendimento das contribuições que cada grupo pode apresentar, levando em conta as características peculiares de cada um. Para o estudo em questão, pode-se identificar dois grupos distintos: os usuários primários/especialistas – caracterizados pelo maior grau de conhecimento acerca do tema, como por exemplo: arquitetos,

designers e estudiosos da área. E os usuários finais – caracterizados pelo usuário comum, aquele que usa o produto, podendo ter diferentes origens como: moradores da cidade, lojistas e turistas.

A pesquisa foi realizada na rua Maciel Pinheiro, no Calçadão da Cardoso Vieira, na Universidade Federal de Campina Grande e nos locais de trabalho dos especialistas. Os instrumentos para coleta de dados foram: observação e registros fotográficos; aplicação de roteiro de perguntas (Apêndices 1 e 2) e imagens do ambiente estudado (Apêndice 3), apresentação de diagrama de avaliação afetiva de espaços (Apêndice 4); entrevistas (Apêndice 5) e aplicação de formulários para avaliação do espaço urbano (Apêndice 6).

A relação entre as etapas, quantidade de indivíduos consultados, instrumentos de coleta de dados e locais de aplicação da pesquisa podem ser resumidos no Quadro 1.

Quadro 1: Síntese da tipologia de pesquisa.

ETAPAS	PARTICIPANTES	Nº INDIVÍDUOS	INSTRUMENTOS DE PESQUISA	LOCAL DA PESQUISA
1 Caracterização	Pesquisador (mestrando)	1	Observações e registros fotográficos	Rua Maciel Pinheiro / Cardoso Vieira
2 Identificação	Grupos Focais: GF1 (usuários primários/especialistas) e GF2 (usuários finais/comuns)	16, sendo 8 (GF 1) e 8 (GF2)	Roteiro de perguntas, imagens e diagrama.	Rua Maciel Pinheiro; UFCG e locais de trabalho dos especialistas
3 Avaliação	Usuários primários/especialistas e usuários finais/comuns	44, sendo 4 especialistas e 60 usuários comuns	Entrevistas (especialistas) e aplicação de formulários (especialistas e usuários comuns)	Rua Maciel Pinheiro; Cardoso Vieira; UFCG e locais de trabalho dos especialistas
4 Comparação	Pesquisador (mestrando)	1	Aplicação de formulários	Rua Maciel Pinheiro / Cardoso Vieira

Fonte: Elaborado pelo autor.

### **1.7 Estrutura da dissertação**

Esta dissertação está dividida em cinco capítulos, sendo o primeiro destinado à introdução. O segundo capítulo aborda considerações contextuais e teóricas, como: o estilo Art Déco e como ele se consolidou na arquitetura de Campina Grande – PB; o panorama do Design Emocional no ambiente urbano e as possibilidades de atuação do profissional; o mobiliário urbano e sua função no contexto urbano. O terceiro capítulo apresenta todo o processo metodológico para o desenvolvimento desta dissertação. O quarto capítulo apresenta os resultados e discussões alcançadas a partir da coleta de dados, dado o cruzamento de informações obtidas pela caracterização do ambiente e avaliação dos usuários especialistas e comuns. Por fim, o quinto capítulo apresenta a conclusão do trabalho, contendo respostas aos objetivos traçados, reflexões sobre as hipóteses inicialmente levantadas e sugestões para trabalhos futuros.



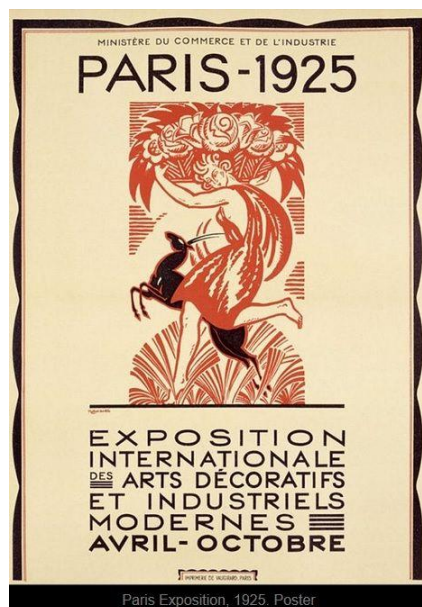
## CAPÍTULO 2 - REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Art Déco

O Art Déco é um conceito difícil de definir, referindo-se fundamentalmente a um estilo decorativo que absorveu influência de outros estilos, compartilhando características com movimentos contemporâneos (MADIA, 2000, p. 33, tradução nossa). Tambini (1999) acrescenta que o Art Déco “não foi um movimento de Design, e sim um compartilhamento de um enfoque estilístico”. Tomando a opinião dos dois autores acima, pode-se entender a dificuldade de compreender mais profundamente o que foi esse estilo e como se deu sua difusão pelos diversos lugares ao redor do planeta.

Como o nome já preconiza, o Art Déco teve seu início como um estilo que tentava exteriorizar um espírito moderno em forma de arte decorativa. Caracterizado por apresentar uma produção cultural complexa e diversa, baseada em noções de progresso e desenvolvimento tecnológico (BORGES, 2006). Esse estilo se iniciou na França, na primeira metade do Século XX, tendo como marco principal a “Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas”, ocorrida em 1925, em Paris. O evento foi responsável, anos depois, por batizar o estilo em questão.

Figura 3: Cartaz de divulgação da Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais Modernas de 1925.



Fonte: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)



Segundo Salvador (2012), a nomenclatura Art Déco somente começou a ser utilizada a partir da década de 1960, mas é aplicada na descrição de produção realizada entre os anos 1915 e 1945, caracterizando-se como o primeiro estilo do século XX, podendo ornamentar edificações, roupas e objetos do cotidiano.

Considerando sua aplicação na arquitetura, Borges (2006) aponta as características do estilo:

- **Jogos volumétricos e espaciais** em fachadas e espaços internos de edifícios, através de formas geométricas, ângulos e linhas retas;
- **Elementos ornamentais** com imagens estilizadas e coroamentos trabalhados, mesmo frente à simplicidade formal desse estilo;
- **Utilização de cores e materiais** para valorizar aspectos da composição e volumetria, associando certos materiais e acabamentos ao Art Déco (micas, pedras e certas cores, como cinza, rosa, creme e verde claro);
- **Incorporação da tipografia** em baixo ou alto-relevo, apliques de bronze, placas comemorativas, vitrais e néon;
- **Artes e ofícios** em portas, portões, gradis, balcões, objetos decorativos, mobiliário e fachadas esculpidas, remetendo a certa tradição artesanal;
- **Uso de iluminação natural e artificial** para explorar cenograficamente a luz nos ambientes, através do desenho e incorporação de luminárias, uso de claraboias, vitrais coloridos, néons e vidros;
- **Espacialidade interna**, com maior exploração de vazios internos para gerar espaços mais flexíveis, amplos e iluminados.

Temos construções arquitetônicas mundialmente conhecidas e inspiradas no estilo Art Déco como exemplo dessas características. São eles dois arranha-céus contrastantes: o Edifício Chrysler – mais decorado – e o Empire State Building, ambos em Nova York (Figura 4), construídos na década de 20 (TAMBINI, 1999).

Figura 4: Empire State Building, à esquerda e Chrysler Building, à direita.

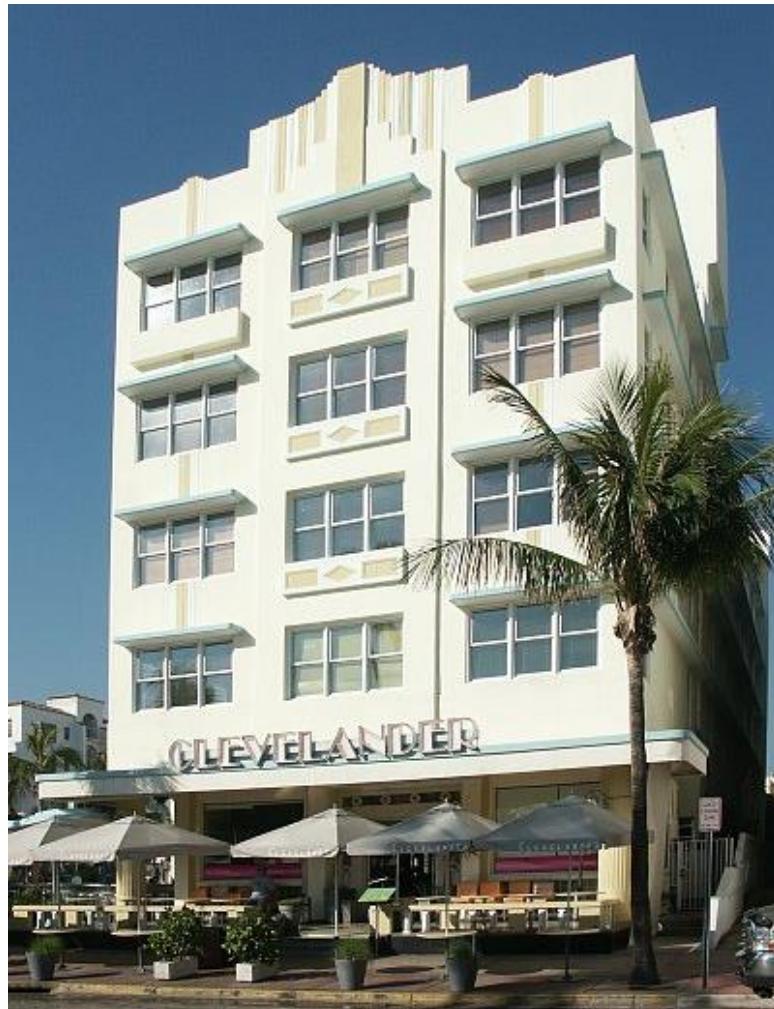


Fonte: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)

Embora os projetistas tenham adotado o círculo, as linhas retas e onduladas como parte dos elementos característicos da arquitetura nesse período, segundo Madia (2000), não eram eles os protagonistas, mas as próprias construções, através de seus símbolos, motivos ornamentais e sua linguagem.

No entanto, os elementos característicos do Art Déco sofreram transformações importantes de acordo com cada região ou localidade onde o estilo foi inserido. Na América do Norte, as geometrizações enfatizadas por diagonais e planos progressivos deram origem ao que se pode chamar de Déco Tropical (MADIA, 2000), onde o melhor exemplo é a arquitetura de Miami Beach (Figura 5).

Figura 5: Cleavelander Hotel Miami Beach.



Fonte: [www.bluffton.edu](http://www.bluffton.edu)

Assim, o Tropical Déco de Miami Beach teve fortes inspirações no “streamlines”, termo utilizado na época para remeter velocidade, formas aerodinâmicas em trens, automóveis e aviões, juntamente com a “náutica”, baseada nos grandes cruzeiros internacionais. Outra característica que a diferenciava das demais cidades como Nova Iorque, era o seu caráter vernacular e residencial (MAIA, 2000).

#### 2.1.1 Art Déco no Brasil

O estilo Art Déco influenciou vários artistas brasileiros no início do século XX, como o escultor Victor Brecheret, o artista plástico Vicente do Rego e o designer de interiores John Graz (INSTITUTO JOHN GRAZ, 2017). Mas o maior destaque ficou mesmo na arquitetura, onde várias cidades brasileiras passaram, a comportar

edificações importantes, como: o Elevador Lacerda em Salvador, o Viaduto do Chá em São Paulo, o Cristo Redentor e a Central do Brasil no Rio de Janeiro (Figura 6)

Figura 6: Central do Brasil, 1937.



Fonte: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)

Segundo Correia (2008), muitas construções brasileiras remetidas ao Art Déco, na verdade, são mesclas com outras vertentes arquitetônicas, como a arquitetura colonial, moderna, neoclássica e eclética, como é possível perceber em algumas casas urbanas, cujos modelos remetem à construção colonial e do Século XIX – no que diz respeito aos materiais empregados, técnicas construtivas, organização dos espaços internos, etc. – mas possuem fachadas com ornamentos do viés Art Déco.

A mesma autora relata que o repertório formal Déco imprimiu marcas profundas na paisagem das cidades brasileiras. Uma preocupação levantada na semana de arte moderna de 1922 foi a inserção de características nacionais ao estilo. Para isso foram inseridos motivos indígenas como: ladrilhos inspirados nas cerâmicas marajoaras, altos e baixos relevos representando a fauna e a flora amazônica e edifícios batizados com nomes indígenas (Figura 7). Munduruca (2013, p. 76) complementa que:

Dentro do panorama nacional, o art déco se manifestou em todo o país, nordeste, centro-oeste e sudeste, onde teve número expressivo. Belo Horizonte, João Pessoa, Salvador, Porto Alegre, Goiânia são algumas capitais brasileiras que adotaram o estilo art déco como estilo arquitetônico da década de 1920.

Figura 7: Entrada do Edifício Itahy, no Rio de Janeiro, com a sereia índia no centro.



Fonte: <https://oglobo.globo.com/rio/joias-do-art-deco-no-lido-em-copacabana-8359880>

A cidade do Rio de Janeiro alcançou grande expressividade no Art Déco nacional por apresentar as três vertentes principais do estilo. Pode-se encontrar nos bairros da Urca, Flamengo, Copacabana e Centro, a linha “Streamline”, principalmente em edificações (Figura 8) como os cinemas. Já a linha “Zigue-zague”, que se mesclou com os motivos marajoaras, é encontrada em edifícios como o Guahy (figura 9). A terceira linha, mais decorativa, é encontrada em alguns poucos edifícios residenciais (MUNDURUCA, 2013).



Figura 8: Edifício Guahy, Rio de Janeiro.



Fonte:<https://oglobo.globo.com/rio/cinco-predios-art-deco-em-copacabana-15554262>

Figura 9: Edifício Ypiranga, Rio de Janeiro.



Fonte:<https://oglobo.globo.com/rio/cinco-predios-art-deco-em-copacabana-15554262>

Construída a partir de 1933 para ser a capital de Goiás, Goiânia tem um dos maiores acervos Art Déco do país. Várias edificações foram tombadas pelo IPHAN<sup>5</sup> (BARTHEL, 2015). Dentre os principais exemplos desse estilo na cidade está o Teatro Goiânia (Figura 10), inaugurado em 1942 e projetado pelo arquiteto Jorge Félix.

Figura 10: Teatro Goiânia de 1942, Goiânia (GO).



Fonte: <http://www.curtamais.com.br/goiania/20-construcoes-que-provam-que-goiania-e-a-capital-art-deco-do-brasil>

### 2.1.2 Art Déco em Campina Grande

No Nordeste, além das cidades de Recife e João Pessoa, uma cidade no interior da Paraíba, também adotou o estilo Déco – Campina Grande. A necessidade de transformar a cidade colonial da primeira década do século XX em uma cidade moderna, higienizada, transitável e bela, impulsionou um profundo processo de reformas que veio em consonância com o resto do país.

A valorização do estilo Art Déco ocorrida na década de 1930, tornando-o linguagem única e exclusiva no processo de reforma urbana da cidade, influenciou

---

<sup>5</sup> O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) tombou 22 edifícios e elementos urbanos em Goiânia (GO) em 2003.

diretamente o desenvolvimento da paisagem urbana apresentada em toda a área central da cidade, onde “as composições simétricas com acesso centralizado, volumes geometrizados e predominância de cheios sobre vazios caracterizavam o estilo arquitetônico” (QUEIROZ, 2016, p. 235).

Queiroz (2010) afirma que várias manifestações arquitetônicas surgiram nessa época, entre elas o neocolonial, missões, racionalismo e ecletismo. A que teve maior destaque no contexto local foi o Art Déco, difundida largamente entre os anos 1930 e 1940, principalmente durante os governos do prefeito Vergniaud Wanderley (1935-1938 e 1940-1945). Queiroz (2016) complementa que as manifestações vinculadas ao Art Déco não devem se restringir apenas ao período de Vergniaud. “Em 1933, grande parte dos projetos apresentados à Prefeitura já seguia as referências Art Déco” (QUEIROZ, 2016, p. 229). Uma edificação que comprova essa afirmação é a nova sede dos Correios e Telégrafos, construída pelo Governo Federal em 1933 (Figura 11).

Figura 11: Antiga sede dos Correios e Telégrafos, 1933.



Fonte: [cgretalhos.blogspot.com](http://cgretalhos.blogspot.com)

Nesse contexto, é importante acrescentar que o processo de desenvolvimento urbano de Campina Grande, iniciado no ano de 1935 com o decreto nº 51 – baixado pelo então prefeito Antônio Pereira Diniz – previa a reforma urbana através de obras de saneamento e melhoramento estético. Assim, surgiu a necessidade de



modernização da cidade, num sentido mais amplo de inovação frente à simplicidade de seu aspecto construtivo. O Art Déco apresentou-se como uma linguagem única e exclusiva (QUEIROZ, 2016). O remodelamento do centro tradicional, através de várias leis de cunho sanitaria e urbanístico, teve início em 1936 (ROSSI, 2010).

Para esse estilo característico da cidade, foi apresentada pela historiadora Lia Mônica Rossi a nomenclatura de Art Déco Sertanejo:

Sertão é também um lugar poético. Tanto pode expressar a imensidão solitária e descampada do semiárido, quanto um pedaço de terra na memória afetiva. São esses tantos Sertões do real e do imaginário que nos inspiraram ao batizar de *Sertanejo* o art déco não consignado das fachadas populares nordestinas. (ROSSI, 2010).

Segundo a mesma autora, pouquíssimas edificações ecléticas sobreviveram a essa reforma, onde a maioria deu lugar à modernização promovida pelo governo da época.

O conjunto arquitetônico localizado no centro campinense, principalmente nas ruas Cardoso Vieira, Venâncio Neiva e Maciel Pinheiro, concentra o maior número de edificações com estética Art Déco. Queiroz (2016) apresenta uma característica peculiar ao Déco Campinense, que é a utilização de estruturas de concreto armado nas edificações. Marquises em balanço, edifícios com paredes mais leves e vãos maiores foram conquistados com o implemento dessa técnica. A Figura 12 mostra como as marquises se destacam no conjunto arquitetônico da Maciel Pinheiro.

Figura 12: Rua Maciel Pinheiro nos anos 1950.



Fonte: cgretalhos.blogspot.com

A produção arquitetônica campinense aderiu ao Art Déco e suas características de escalonamento e linhas aerodinâmicas desde simples residências até igrejas (QUEIROZ, 2016). Cinemas, clubes esportivos e cabarés são exemplos de edificações com inspiração déco na cidade. O Cassino Eldorado (Figura 13) é uma das mais famosas edificações Déco da cidade. Localizado à rua Manoel Pereira de Araújo, o prédio foi projetado pelo arquiteto Isaac Soares e data de 1937 (ARAÚJO e SOUSA, 2009).

Figura 13: Fachada do Cassino Eldorado em Campina Grande - PB.



Fonte: cgretalhos.blogspot.com

### 2.1.3 “Déco Sertanejo” e o Projeto Campina Déco

O termo “Déco Sertanejo” foi designado pela professora e pesquisadora Lia Mônica Rossi para identificar o Art Déco das fachadas populares nordestinas, encontradas por ela inicialmente em Caruaru (PE), depois em Campina Grande (PB) e em outras localidades da região. Segundo Rossi (2010), as principais características desses conjuntos arquitetônicos são os relevos das fachadas com seus jogos geométricos (radiais, paralelos, escalonados, zigue-zagues, etc.).

Em estudo desenvolvido por Rossi e Souza (2013), foram levantados vários tipos de agrupamentos e elementos que identificam as principais características das edificações dadas como “Déco Sertanejo”, denominadas pelos autores como grupos

perceptuais. Dentre elas estão a **proximidade**, a **justaposição**, o **enclausuramento**, a **fusão**, o **fechamento** e a **sobreposição**. A Figura 14 apresenta exemplos desses arranjos.

Figura 14: Exemplos de fachadas que ilustram os grupos perceptuais.

		
<p>Proximidade: grupo de círculos e grupo de quadrados próximos. (Campina Grande, PB. Foto dos autores)</p>	<p>Justaposição: dois triângulos justapostos no frontão e à direita triângulos azuis e brancos também justapostos. (Ingá, PB. Foto dos autores)</p>	<p>Enclausuramento: Dois polígonos irregulares enclausurados por molduras poligonais. (Cimbres, PE. Foto dos autores)</p>
		
<p>Fusão: diversos polígonos se justapõem e aparentemente se fundem. (C. Grande, PB. Foto dos autores)</p>	<p>Fechamento: linhas horizontais próximas formam gestalt de retângulos. (Porto da Folha, SE. Foto dos autores)</p>	<p>Sobreposição: quadriláteros variados se sobrepoem na composição do adorno. (Itabaiana, PB. Foto dos autores)</p>

Fonte: Adaptado de Souza e Rossi (2013).

No início da década 2000, os órgãos públicos da cidade de Campina Grande-PB, em especial a prefeitura municipal, implementaram o projeto de requalificação do seu centro histórico baseado no Art Déco. Essa revitalização urbana foi denominada “Campina Déco”, por meio de um conjunto de ações urbanísticas na rua Maciel Pinheiro. Fruto da primeira e única fase do projeto Campina Déco, a referida rua (Figura 15) sofreu uma grande reestruturação.

Figura 15: Rua Maciel Pinheiro, projeto "Campina Déco".



Fonte: <http://rainha-da-borborema.blogspot.com>

Toda a infraestrutura da rua foi alterada, a fiação aérea foi substituída por uma rede elétrica subterrânea, a pavimentação foi renovada e os revestimentos das fachadas saíram para dar visibilidade ao conjunto arquitetônico. De acordo com Rossi (2010), também foram redefinidos os estacionamentos, o mobiliário urbano e os acessos de cadeirantes.

Os equipamentos urbanos inseridos tiveram a intenção de formar uma unidade estética com o conjunto arquitetônico existente, o qual também teve um trabalho de restauração e afloramento do seu valor histórico. Para este propósito, foram desenvolvidos pelos professores do Curso de Desenho Industrial da Universidade Federal da Paraíba (Natã Morais de Oliveira<sup>6</sup> e Glielson Montenegro Nepomuceno<sup>7</sup>)

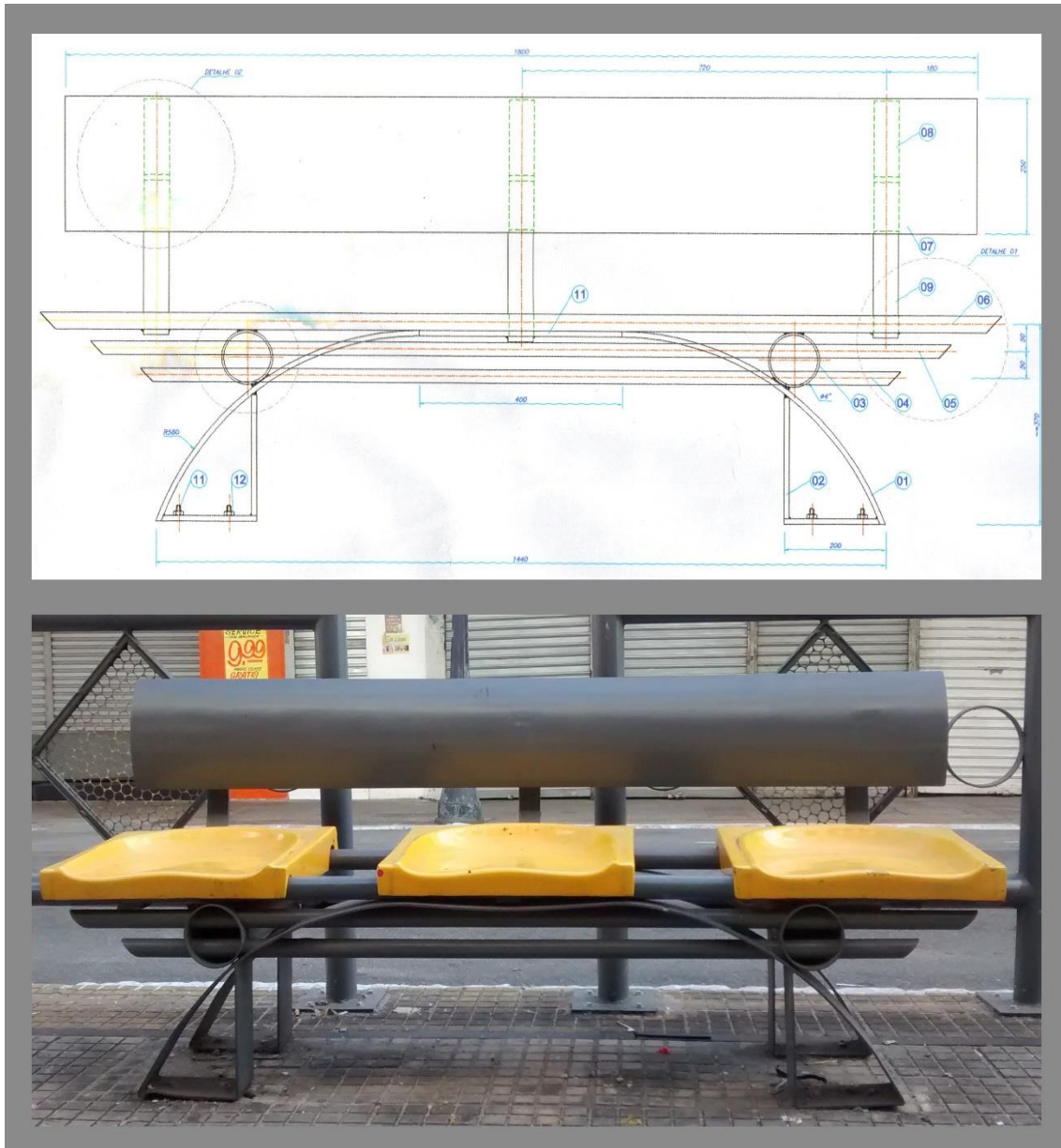
<sup>6</sup> **Natã Morais de Oliveira** foi professor da Unidade Acadêmica de Design, da UFCG de 1991 até 2017. Mestre em Engenharia Agrícola, foi titular das disciplinas de Ergonomia e Projeto e Metodologia para Projeto. Participou do desenvolvimento do mobiliário urbano usado no programa do governo municipal de Campina Grande-PB denominado "Campina Déco".

<sup>7</sup> **Glielson Montenegro Nepomuceno** é professor da Unidade Acadêmica de Design, da UFCG desde 1989. Tem mestrado e doutorado em Arquitetura e Urbanismo pela UFRN. Participou do desenvolvimento do projeto de mobiliário urbano usado no programa do governo municipal de Campina Grande denominado "Campina Déco".



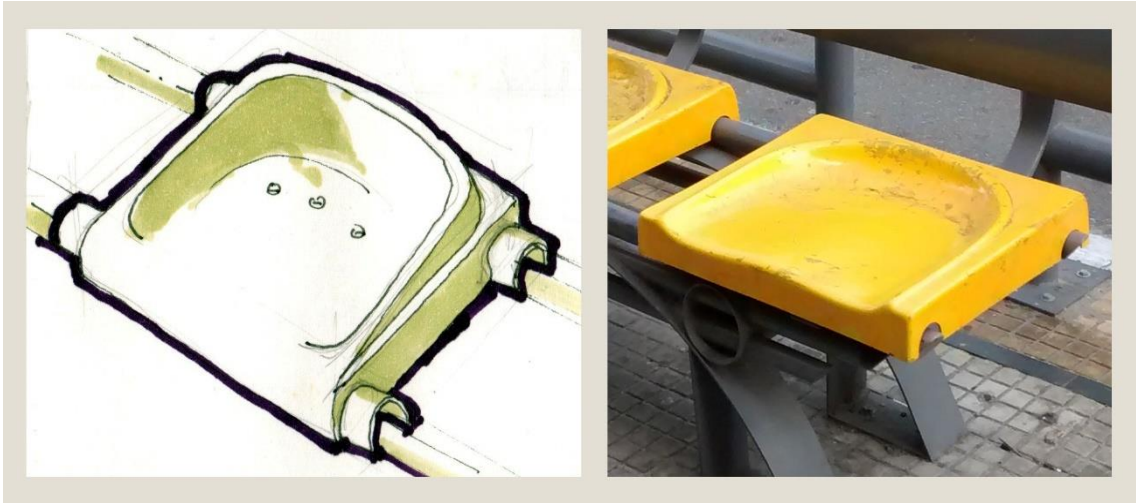
projetos de bancos, grades de proteção, lixeiras e placas de sinalização (Figuras 16, 17, 18 e 19).

Figura 16: Banco desenvolvido com características formais remetidas ao Art Déco.



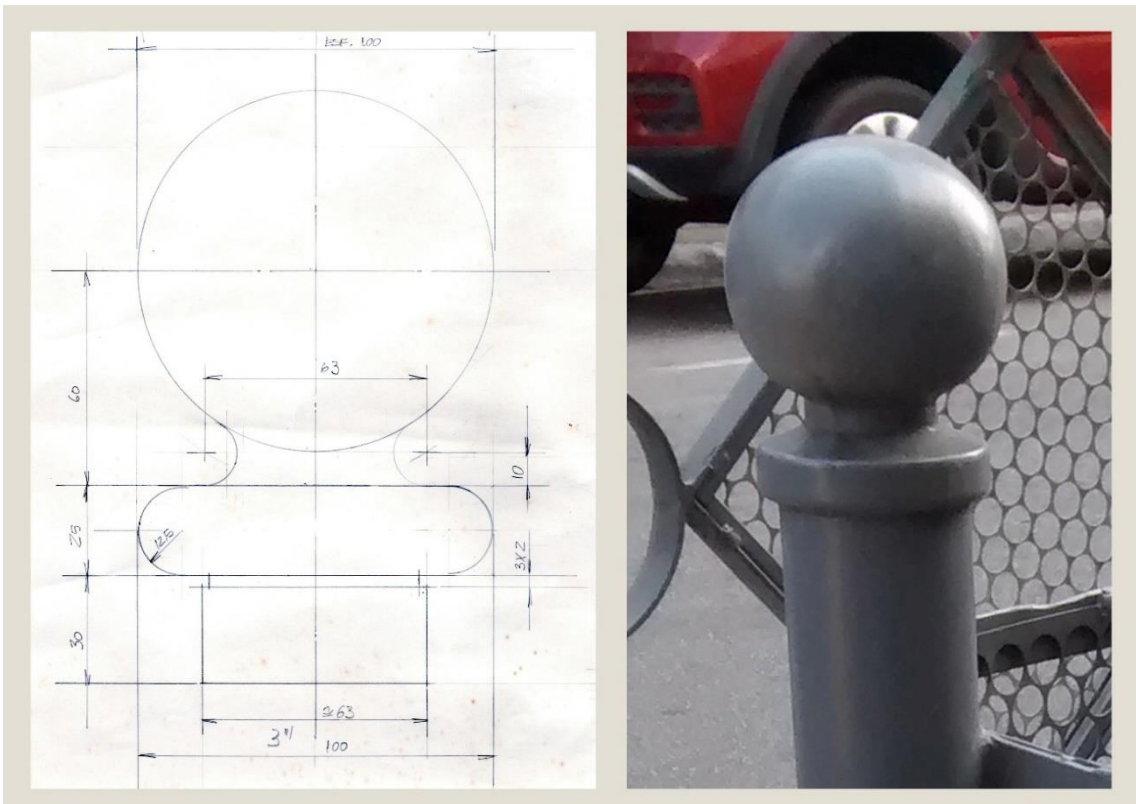
Fonte: Adaptado de Morais e Montenegro (2000).

Figura 17: Assento.



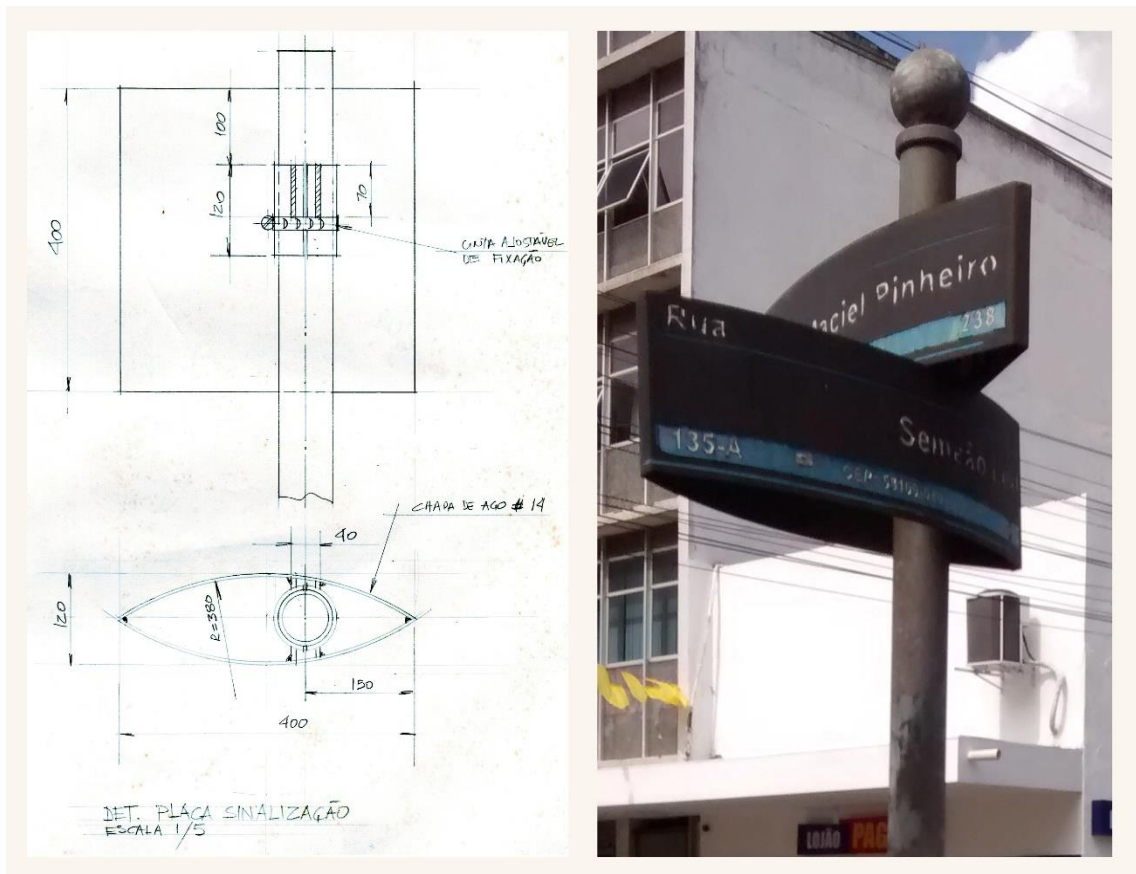
Fonte: Adaptado de Morais e Montenegro (2000).

Figura 18: Esfera de acabamento.



Fonte: Adaptado de Morais e Montenegro (2000).

Figura 19: Placa de sinalização



Fonte: Adaptado de Moraes e Montenegro (2000).

As características estéticas da arquitetura local foram incorporadas no projeto do mobiliário urbano com a intenção de integrá-lo ao ambiente urbano. Padrões geométricos repetidos identificados nas fachadas Déco são encontrados no desenho dos bancos, guarda-corpo e lixeiras, como é apresentado na figura 20. As esferas distribuídas uniformemente nas platibandas das edificações inspiraram os acabamentos esféricos das lixeiras e guarda-corpos. Já as linhas paralelas horizontais, bastante utilizadas na composição estética da maior parte das fachadas, estão presentes também nos bancos, tanto no encosto como na estrutura metálica dos pés.



Figura 20: Características estéticas da Arquitetura no mobiliário urbano.



Fonte: Adaptado de pbtur.com.br.

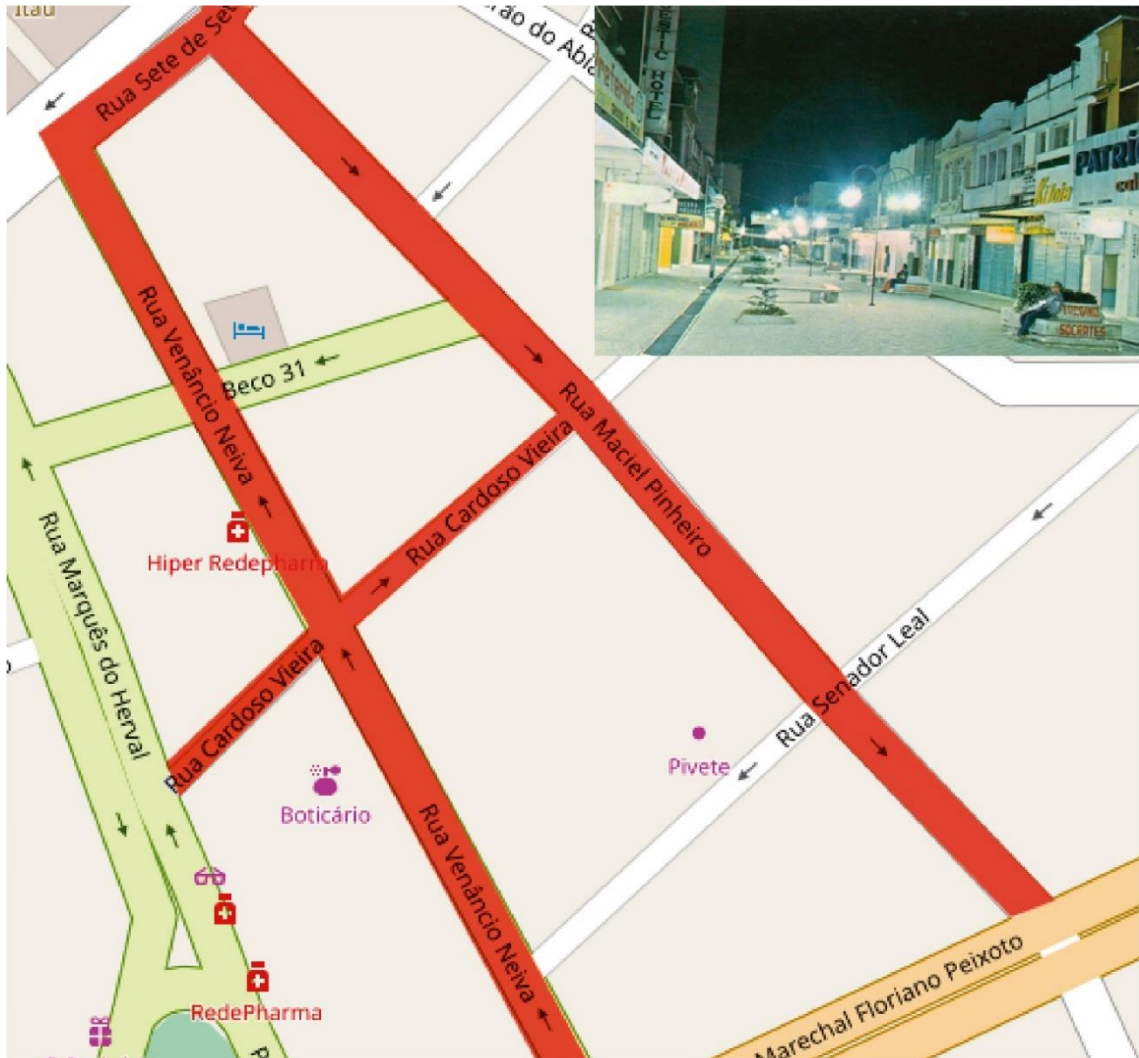
Como visto, a rua Maciel Pinheiro passou por diversas transformações para modernização ao longo do século XX. Foi a principal rua do comércio da cidade, tendo sido, na década de 1930, palco da realização da feira livre da cidade (QUEIROZ, 2016).

O local já foi conhecido como Rua Grande, Rua da Feira, Rua das Gameleiras, antiga Rua da Independência, Rua Uruguaiana e Praça Epitácio Pessoa (ARAÚJO e SOUZA, 2011).



No final da década de 1970, durante a gestão de Enivaldo Ribeiro (1977-1983), houve uma grande reforma no centro da cidade, quando foi criado o calçadão da rua Cardoso Vieira, onde, posteriormente, foi ampliado para as ruas Sete de Setembro, Venâncio Neiva e Maciel Pinheiro (Figura 21), permanecendo assim durante a década de 1980.

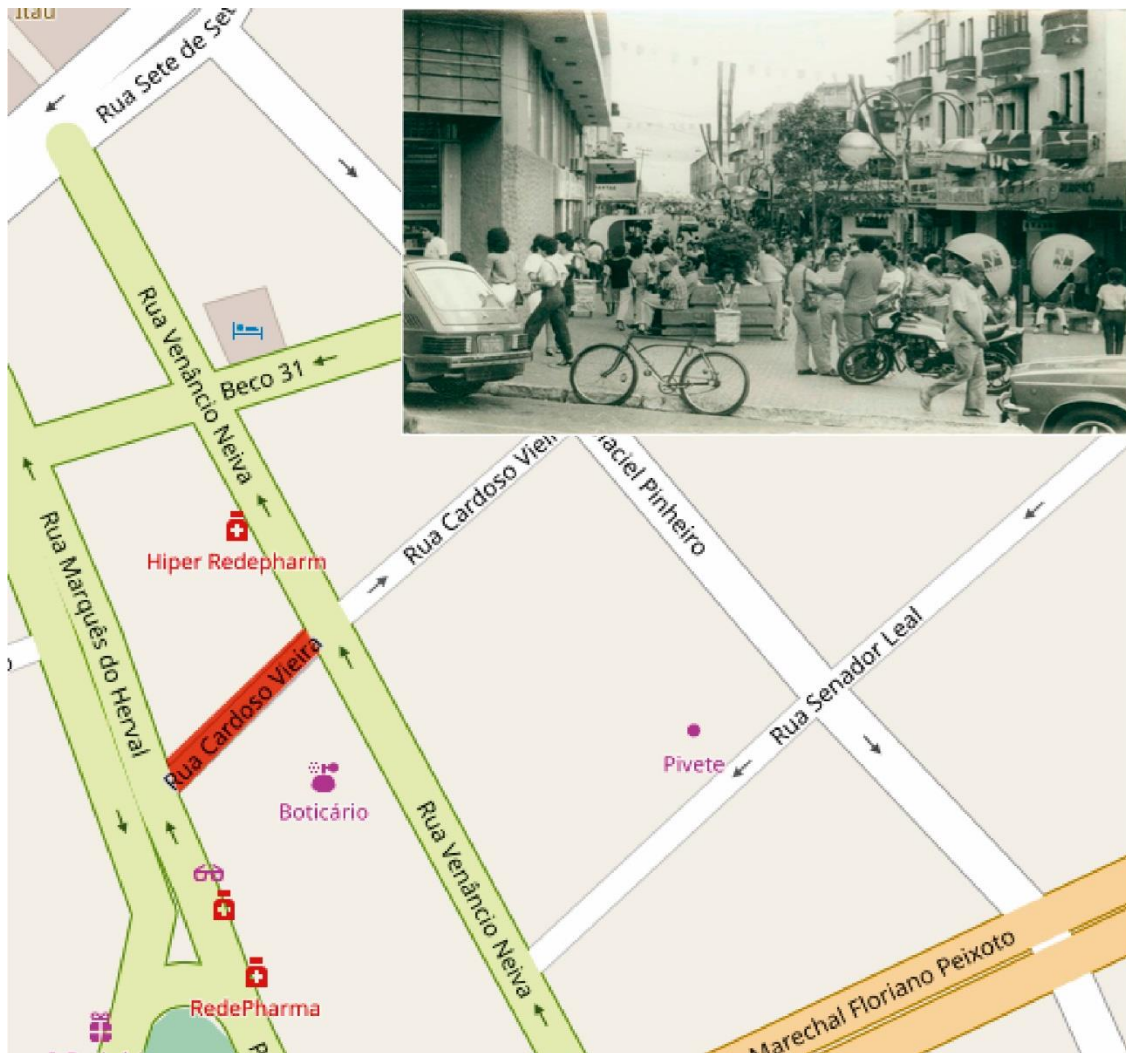
Figura 21: Calçadão no centro de Campina Grande, anos 1980.



Fonte: Adaptado de cgetalhos.blogspot.com

Na gestão de Félix Araújo (1993-1996), o Calçadão foi reduzido para o tamanho original, passando a ser conhecido como “Calçadão da Cardoso Vieira” (Figura 22). Sem o Calçadão, a rua Maciel Pinheiro voltou a dividir seu espaço entre pedestres e veículos.

Figura 22: Calçadão reduzido a pequeno trecho da rua Cardoso Vieira.



Fonte: Adaptado de biblioteca.ibge.gov.br

## 2.2 Mobiliário Urbano e Afetividade

Diferente de um objeto para uso individual, o mobiliário urbano, no momento em que compõe os espaços públicos, mostra-se como um conjunto de objetos que interage com o coletivo. Essa característica emana diversos aspectos relacionados à afetividade dos usuários que são capazes de emoções tanto positivas quanto negativas. Partindo desse princípio, faz-se necessário entender todo o contexto que envolve tanto o espaço público como também o objeto em sua individualidade.

### 2.2.1 Emoção

O estudo das emoções, no campo do Design, vem recebendo uma maior atenção desde o início do século XX, com a formação da *Design and Emotion Society*, criada a partir da Conferência Internacional sobre Design e Emoção, realizada na

Holanda em 1999. Desde então, o número de publicações sobre o assunto vem crescendo, buscando compreender o papel da emoção no uso e desenvolvimento de produtos (PIZZATO, 2013).

Quando o Design adentra no viés da emoção, pode-se entender, segundo Tonetto e Costa (2011), que existe um casamento com a Psicologia, trazendo à tona uma necessidade de aprofundamento através da atividade de pesquisa. O ato de projetar, com a intenção de despertar ou evitar emoções, mostra a possibilidade e necessidade de usar métodos, teorias e técnicas específicas. Medeiros (2006) afirma que os produtos precisam ser desenvolvidos de forma que os desejos e expectativas dos usuários com os produtos tenham destaque. “Já não é mais suficiente o produto ser eficiente em termos funcionais e de usabilidade, mas também deve ser um canal de comunicação que desperte sentimentos que favoreçam uma interação prazerosa” (MEDEIROS, 2006).

Para Desmet e Hekkert (2002), as emoções são consideradas os mecanismos que sinalizam quando os eventos são favoráveis ou prejudiciais às preocupações da pessoa. Isso implica que cada estímulo provocado por um produto pode evocar diferentes emoções, como preocupações que dizem respeito à segurança ou à autoestima. Essas emoções podem ser entendidas como respostas automáticas do usuário em relação ao efeito de um produto.

Como as emoções podem ser intencionais, elas parecem exigir uma explicação que apresente diversos sentimentos. Desmet e Hekkert (2002) apresentam em seu trabalho uma forma de avaliação das emoções que leva em conta três aspectos: o produto como objeto, como agente e como evento.

O **produto como objeto** é apenas a função estética, gerando atração ou tédio. O apelo se refere às características do produto, como tamanho, forma ou detalhes específicos.

O **produto como agente** é entendido como passível de interpretações diversas sobre seu uso. O foco é a percepção causada pelo uso real do produto e seu impacto nas pessoas ou na sociedade.

O **produto como evento** foca na atração provocada por uma posse futura, e o uso ou posse (previsto) se torna o evento, e as consequências previstas causam a emoção.

Do ponto de vista de Pizzato (2013), dependendo de como são configurados, os objetos provocam emoções positivas ou negativas na interação com o usuário.

Mediante emoções positivas, as pessoas tendem a ser mais tolerantes com pequenas dificuldades; já as emoções negativas podem gerar repulsa e uma tendência a evitar o seu uso.

A emoção como foco no desenvolvimento de produtos traz uma nova percepção para o projetista no contexto urbano, principalmente quando se fala em projeto de mobiliário urbano, onde os produtos devem ser direcionados a um grupo variado de pessoas e não apenas a um único indivíduo. Essa visão direciona o desenvolvimento de produto para o coletivo, abrindo o campo de visão para a qualificação do ambiente público urbano e não somente para um único artefato.

### 2.2.2 O design no contexto urbano

O espaço urbano consiste em um conjunto de ambientes destinados a prover atividades humanas como trabalhar, caminhar e descansar. Esses espaços são definidos como espaços íntimos ou individuais, semipúblicos e públicos (Figura 23).

Figura 23: Espaço Vital - íntimo, semipúblico e público.



Fonte: br.pinterest.com

Os espaços individuais são aqueles utilizados por apenas um indivíduo, a exemplo, um dormitório. Os espaços semipúblicos são ambientes usados de forma seletiva e controlada, como uma residência ou um escritório. Por fim, têm-se os espaços públicos, os quais são destinados ao uso coletivo de uma determinada comunidade. Todos devem ser considerados como vitais dentro do contexto urbano, pois trabalham de forma conjunta para o funcionamento de toda uma sociedade (SCHJETNAN, 2008).

Na medida em que se considera o espaço urbano vital, entende-se que ele funciona como um sistema em que vários elementos atuam direta ou indiretamente

na sua construção, como vias, mobiliário urbano, edificações, pedestres, vegetação, etc. Lobach (2001) afirma que o Design está inserido nesse contexto como um processo de adaptação do ambiente artificial às necessidades físicas e psíquicas dos usuários ou grupo de usuários. É papel do designer criar uma interação entre as várias linguagens que estão presentes no cotidiano do consumidor (FERRARA, 2002).

Neste sentido, o mobiliário urbano constitui um modo de atuação do designer, pois este compõe o lugar<sup>8</sup> reservado ao usuário, podendo transmitir sensações e percepções que influenciam a ocupação e a utilização de determinados espaços da cidade, afetando diretamente o comportamento das pessoas (MONTENEGRO, 2014). O significado de cada artefato é determinado pela relação que ele tem com o usuário (CARDOSO, 2012).

Um dos fatores que atuam no funcionamento do espaço é o modo como o ser humano o percebe. Segundo Okamoto (2002), os sentidos, como visão, olfato e audição, são importantes meios de compreensão e relacionamento com o meio ambiente. Para a identificação imediata do entorno e percepção das formas e contornos apresentados, todos os sentidos trabalham em conjunto, entretanto, a visão tende a exercer uma certa predominância, pois normalmente é o primeiro sentido a ter contato com o espaço analisado.

Um dos primeiros autores a estudar sobre a percepção do espaço urbano foi Kevin Lynch com o trabalho: *A Imagem da Cidade*. Lynch (2010) explica que:

A legibilidade é crucial como importante atributo de uma bela cidade, pois o cidadão produz associações com parte do ambiente urbano, gerando diversas lembranças e significados, reforçando a profundidade e a intensidade desta relação.

Deste modo, pode-se entender que a percepção do espaço público pelo usuário e sua interação com o mobiliário urbano, devem ser pensadas como fatores importantes no processo de compreensão do espaço urbano. Já o alcance visual (visualidade) é um conjunto de qualidades que aumentam a penetração da visão e explicam visualmente o espaço (FERRARA, 2002). Nesse contexto, a autora afirma

---

<sup>8</sup> Existem vários autores como Augé (2004) e Tuan (1980) que tratam do conceito de “lugar”. Nesse trabalho será considerada a definição apresentada por Ferrara (2002), que afirma que “Lugar é o território das representações culturais que, quando marcadas pela visibilidade decorrente de processos perceptivos, produzem o diálogo dos habitantes”.

que existe uma necessidade da coesão de três elementos: visualidade, legibilidade<sup>9</sup> e funcionalidade<sup>10</sup>, aumentando a eficiência da percepção do ambiente.

A mesma autora descreve que o conceito de visualidade se torna insuficiente, pois não basta apenas ver a cidade com toda sua exuberância visual se ela não tem uma “visibilidade orgânica”, a qual se faz necessária. Deste modo, seria mais adequado considerar o conceito de visibilidade, pois o que é visível tem um poder de comunicar, muito além do que se vê:

Ou seja, processa-se uma distinção entre visualidade e visibilidade, entre comunicação e informação, entre dado e processo, entre valor e dinâmica de valores culturais, entre imagem e percepção da cidade, entre cidade e lugar na cidade: em consequência, percebe-se a comunicação de um simples organismo vivo, um corpo (FERRARA, 2002. p. 142).

Uma comunicação eficiente entre a cidade e a sua população pode ser traduzida em vitalidade para o ambiente urbano. Cidades vivas são mais seguras, sustentáveis e saudáveis (GEHL, 2013). Neste sentido, o design tem o compromisso de, através do estudo do ambiente, integrar todas as atividades existentes, proporcionando configurações que se relacionam com o espaço (BARBOSA, 2010).

O conceito de Design aplicado ao contexto urbano tem como prioridade a promoção da qualidade de vida, responsável por produzir lugares que possibilitem o uso e o aproveitamento de sua capacidade máxima pelas pessoas (BARBOSA, 2010). A autora afirma também que esse é um processo criativo de atribuir aos objetos qualidades e propriedades que incluem características formais, históricas e culturais de uma cidade. A exemplo, O High Line Park, em Nova Iorque, foi construído sobre uma ferrovia desativada, representando um projeto urbanístico sustentável, que deu vitalidade ao espaço (Figura 24).

---

<sup>9</sup> LEGIBILIDADE é a facilidade com que a paisagem urbana é reconhecida e organizada em um modelo coerente (LYNCH, 1997).

<sup>10</sup> FUNCIONALIDADE diz respeito à função de um produto e especifica as atividades que ele suporta e para quais ele foi projetado (NORMAN, 2008).



Figura 24: High Line Park, em Nova Iorque.



Fonte: [www.pinterest.com](http://www.pinterest.com)

Nesse processo, o Design também pode ser responsável por evitar um fenômeno das “Cidades Genéricas” apresentado inicialmente pelo arquiteto Rem Koolhaas em seu livro “S, M, L, XL”, de 1995. O conceito de cidades genéricas<sup>11</sup> parte do argumento inicial de que não há identidade nesta nova cidade contemporânea (RIBEIRO, 2010). Para o autor a arquitetura genérica entende-se como projeto que pode ser realizado em qualquer cidade e em qualquer parte dela.

Essa arquitetura é isenta de identidade, história ou cultura que possa traçar vínculos ao ambiente urbano onde ela está inserida, podendo ser apagada ou substituída a qualquer momento:

As obras criadas e deixadas por arquitetos como Koolhaas, utilizando seu próprio raciocínio, são marcas que deverão ser logo apagadas e substituídas, posto que esvaziados de história e de intenção de permanência (RIBEIRO, 2010).

O design urbano pode proporcionar projetos que, junto à arquitetura, permitam uma interação geradora de identidade capaz de trazer vitalidade ao ambiente urbano, favorecendo encontros entre pessoas, pois elas são convidadas a esse convívio. O

---

<sup>11</sup> Para ampliar o debate, pode-se inserir autores que também tratam do tema como Marc Augé em sua obra Não-Lugares (2005), onde afirma que o não-lugar é um espaço sem identidade e sem história.

projetista tem a opção de negar a força de um presente eterno que condiciona a cidade a uma existência genérica e, portanto, sem identidade (RIBEIRO, 2010). Assim, no contexto urbano, o design tem importante papel de fazer interagir o mobiliário inserido nesse ambiente, o indivíduo e o próprio ambiente.

### 2.2.3 A afetividade no contexto urbano

O design emocional surgiu na década de 1990 com o entendimento que sempre foi exercido pelo designer, pois a intenção de proporcionar o impacto desejado sobre os usuários sempre fez parte do desenvolvimento de projeto (TONETTO e COSTA, 2011). Partindo dessa premissa, percebeu-se que as emoções são peças fundamentais no processo de desenvolvimento de um produto. A cultura do usuário tornou-se de fundamental importância como motivação para a aquisição do produto.

Para Tonetto (op. cit), a junção da psicologia com o design proporciona um entendimento das emoções que pode ser fundamentada em pesquisa direta com o usuário. O autor complementa que o design emocional é facilmente caracterizado como um processo científico baseado na pesquisa. Nesse sentido, Desmet (2009) apresenta quatro formas de trabalhar o design com foco na emoção: foco no usuário, foco no designer, foco em pesquisa e foco em teoria. Dentre esses focos, a pesquisa se apresenta como o processo que busca compreender qual é a experiência emocional desejada pelo usuário (TONETTO e COSTA, 2011).

Lobach (2001) apresenta o conceito de Design Ambiental como sendo uma configuração do meio ambiente, resultado da soma de múltiplos fatores que se estabeleceram por meio de processos de planejamento, configuração e produção independente umas das outras. Ele alerta que estas ações, se não coordenadas, apresentam efeitos secundários negativos, decorrentes da falta de uma solução global do problema. Esses aspectos negativos não podem ser eliminados totalmente, e por isso é essencial compreender que as ações individuais deverão ser sincronizadas a fim de evitar um caos maior.

Ainda segundo Lobach (2001), o homem influi em seu ambiente e o modifica segundo sua atuação, idealizando ferramentas que fortalecem ou complementam suas aptidões naturais, com as quais paulatinamente logrou o domínio de seu ambiente.

Dentro do contexto do Design e Emoção no cenário nacional, Damazio e Mont'Alvão (2008) trouxeram novos termos como "Prazer e Satisfação" para o



vocabulário do design, estudo esse que fomentou a inclusão do fator emocional na investigação das relações entre usuário e produto. Pessoas estabelecem relações afetivas com os produtos que as cercam, portanto, o ato de projetar produtos passou a ser direcionado no sentido de desencadear experiências prazerosas e sentimentos positivos aos usuários. O Design focado no objeto deu lugar ao Design centrado no usuário.

Dentro das pesquisas envolvendo a afetividade existem métodos eficientes de avaliação e caracterização das emoções, a exemplo do “Kano Model”<sup>12</sup>, muito usado por designers que pretendem entender melhor os requisitos do consumidor e identificar os fatores críticos e de alto retorno da satisfação dos usuários (CHEN, 2014). Existe também o método WOW<sup>13</sup>, que parte do princípio de uma simples exclamação verbal em resposta ao uso de um produto. Esse método mensura as emoções através de uma escala gráfica baseada em cinco tipos de emoções agradáveis, sendo três desses combinados a uma experiência emocionante: **surpresa agradável, fascínio e desejo**. (DESMET, PORCELIJN e DIJK, 2005).

Percebendo-se a necessidade de utilizar um método que abranja os conceitos de projeto de produto, somado ao contexto urbano e coletivo, o presente trabalho seguiu o modelo apresentado por Pizzato (2013). Este se justifica pela percepção apontada a respeito do estado da arte em que a emoção, como parâmetro projetual no processo de design, não é usada de forma contundente no **contexto urbano** como produtos de uso coletivo, pois o foco das publicações está no uso e consumo de produtos individuais:

[...] pesquisas em Design e Emoção têm como foco produtos de consumo e de uso individual. Tendo em vista esse cenário, acredita-se que as investigações recentes que unem a Ergonomia e o Design à Emoção devam ser também direcionadas a produtos de uso coletivo, como o mobiliário urbano, podendo vir a contribuir para a maior valorização e respeito, pelos diferentes grupos de usuários, na utilização do produto. Tratando-se do mobiliário urbano, este poderia ser um possível caminho à minimização do vandalismo. (PIZZATO, 2013, p. 21)

---

<sup>12</sup> Kano Model – Método capaz de classificar os atributos do produto (qualidades) em três categorias distintas: (1). A qualidade essencial ou necessidade básica; (2) A qualidade unidimensional ou o desempenho preciso; (3) A atraente qualidade ou excitação precisa. (CHEN, 2014).

<sup>13</sup> WOW - Essencialmente "WOW", nada mais é do que uma simples exclamação verbal. Com base no exame de exemplos pessoais, uau é uma experiência afetiva; isto é, uma experiência valiosa que inclui uma sensação desagradável e uma sensação agradável. (DESMET, PORCELIJN e DIJK, 2005).

Neste estudo, a mesma autora enfatiza que o mobiliário urbano exerce um papel fundamental no processo de interação entre o ser humano e o espaço público, tornando-se um produto de forte interesse coletivo, indispensável à vida urbana e presente em diversos ambientes projetados da cidade.

Para entender como se dá essa interação, faz-se necessário buscar e evidenciar, através do contato com os usuários locais, quais as principais emoções, tanto positivas quanto negativas, relacionando-as ao tipo de mobiliário existente. Esse processo possibilita entender a real função que esse artefato está exercendo no contexto urbano.

Pizzato desenvolveu uma ferramenta de avaliação afetiva (Figura 25) cujo objetivo é relacionar diretamente os atributos evidenciados pelos usuários ao ambiente urbano utilizado com os aspectos afetivos gerados no contexto de uso.

Figura 25: Diagrama de avaliação afetiva.

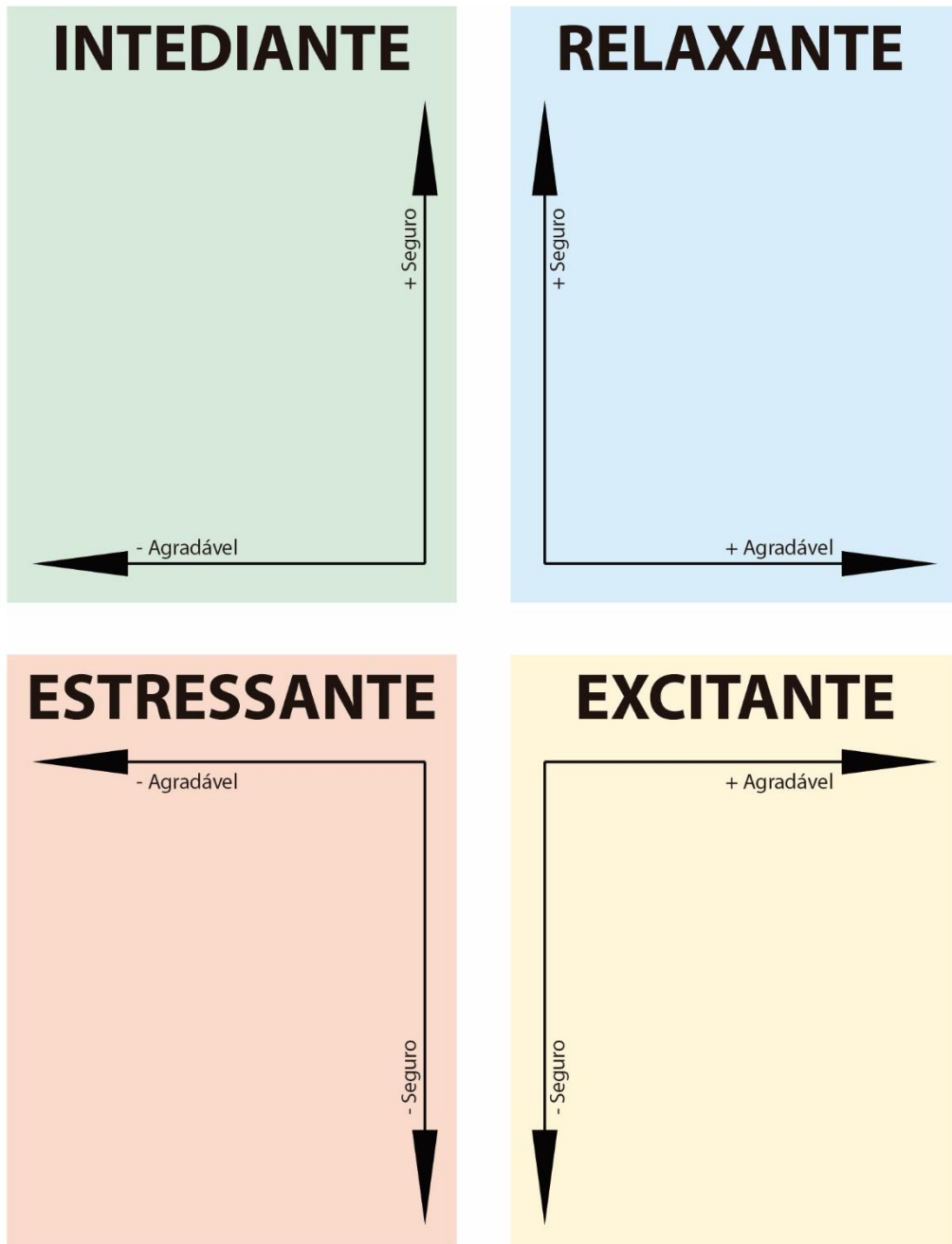


Fonte: Adaptado de Pizzato (2013).

O Diagrama de avaliação afetiva foi construído de forma que os aspectos afetivos relacionados à **segurança** e **agradabilidade** sejam distribuídos de forma consciente pelo usuário em quatro quadrantes distintos (Figura 26), denominados como: **INTEDIANTE** - mais seguro e menos agradável; **RELAXANTE** - mais segura e

mais agradável; **ESTRESSANTE** - menos seguro e menos agradável; e **EXCITANTE** - menos segura e mais agradável.

Figura 26: Diagrama de avaliação afetiva.



Fonte: Adaptado de Pizzato (2013).

A distribuição correta dos atributos dentro dos quadrantes facilita a compreensão do conjunto urbanístico, de forma a possibilitar uma caracterização e uma avaliação mais detalhada e precisa dos aspectos afetivos envolvidos no projeto.

#### 2.2.4 Mobiliário Urbano

O conjunto de mobiliário urbano faz parte da construção da paisagem da cidade (BARBOSA, 2010) e o Design desses artefatos influencia diretamente na organização, legibilidade e qualificação dos espaços (MONTENEGRO, 2014). O mobiliário urbano consiste em objetos, elementos e pequenas construções integrantes da paisagem urbana, de natureza utilitária ou não, implantados mediante autorização do poder público em espaços públicos e privados (ABNT, 1986). Mascaró (2008, p. 153) acrescenta que:

O mobiliário urbano contribui para a estética e para a funcionalidade dos espaços da mesma forma que promove a segurança e o conforto dos usuários, merecendo a atenção dos planejadores preocupados com a qualificação do ambiente público, dos recintos, das vias de circulação, das praças e parques urbanos.

Com base nessas afirmações, pode-se entender que a integração entre o usuário e o produto no ambiente urbano ganham importância no processo de qualificação dos espaços públicos, interferindo diretamente em sua legibilidade. Assim, a inserção dos equipamentos de forma contextualizada pode trazer ordenamento e vitalidade à cidade, oferecendo informação, lazer, conforto e proteção ao cidadão (Figura 27).

Figura 27: Parque Discovery Green, Houston, Estados Unidos.



Fonte: [www.wikihaus.com.br](http://www.wikihaus.com.br)

Montenegro (2014), em sua tese de doutorado, faz uma análise detalhada do ambiente estudado, destacando aspectos como: **Acessibilidade**, onde o dimensionamento e a qualidade da infraestrutura influencia diretamente no fluxo de deslocamento; **Adaptabilidade**, indicando a possibilidade de adaptação do ambiente a diferentes cenários de acordo com a evolução da cidade; **Identidade**, quando se

refere às características e qualidades que valorizam e tornam o local único; **Legibilidade**, trazendo as relações ordenadas junto à compatibilidade de linguagens formais entre os diversos elementos do contexto ambiental; **Permeabilidade**, quando mostra a presença de espaços de transição entre o público e o privado; e por último vem a **Segurança**, enfatizando o equilíbrio formal entre os elementos que compõem o espaço urbano.

Para Montenegro (2014), o mobiliário deve associar-se não apenas aos atributos tangíveis e visuais do próprio espaço, mas também expressar outras sensações, significados e memórias do lugar. Na proporção em que novos significados são acrescentados ao contexto urbano, novas associações são criadas e/ou modificadas com o passar do tempo, pois um mesmo artefato, diante da relação com usuários diversos, tem suas atribuições modificadas (CARDOSO, 2013).

Pizzato (2013) enfatiza que o mobiliário urbano é um produto de forte interesse coletivo, indispensável à vida urbana e presente em todos os tipos de espaço público. Este adquiriu importância na organização das cidades contemporâneas, mostrando-se funcional e útil, tanto para os cidadãos quanto para a cidade (MONTENEGRO, 2014).

Dentro do processo de design, o mobiliário urbano pode ser considerado um produto de uso coletivo. Pizzato (2013) afirma que o mercado desse produto é dominado por poucas empresas internacionais, como a francesa JCDecaux (Figura 28), dotadas de forte capacidade técnica e financeira. Por serem produtos usados em diversos países, existe uma grande possibilidade desses equipamentos contribuírem para o contemporâneo processo de construção de espaços genéricos (sem identidade).

Figura 28: Mobiliário Urbano da JCDecaux.



Fonte: [jcdecaux.com.br](http://jcdecaux.com.br)

Para Pizzato (2013) o mobiliário urbano é indissociável do espaço urbano, pois se trata de um artefato de uso público e coletivo, diferente de outros produtos de design que são desenvolvidos para o uso privado e individual. Como ferramenta desenvolvida para proporcionar uma maior vitalidade ao ambiente urbano, um bom mobiliário pode se tornar um “convite determinante para o favorecimento do encontro entre as pessoas” (GEHL, 2010).

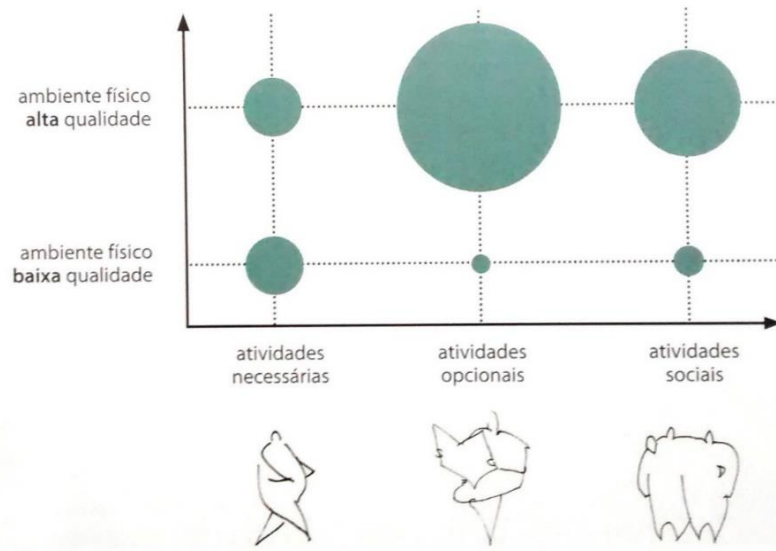
O ambiente físico urbano composto pelo mobiliário e seu entorno, necessita de alta qualidade<sup>14</sup> para promover atividades opcionais e sociais. Os parklets<sup>15</sup> se enquadram na análise positiva de qualidade do ambiente, criados para proporcionar espaços mais amigáveis a pedestres e ciclistas.

Segundo Gehl (2010), apenas as atividades necessárias independem da qualidade do espaço onde elas ocorrem. A Figura 29 mostra a relação entre as atividades desenvolvidas e a qualidade dos ambientes físicos.

<sup>14</sup> A qualidade relacionada ao contexto ambiental deve ser entendida como um conjunto de propriedades ou características que possibilitem o bom uso (alta qualidade) do ambiente físico.

<sup>15</sup> Estruturas construídas para criar espaços de lazer e convívio em espaços antes destinados a estacionamento de carros.

Figura 29: Relação entre qualidade do ambiente e atividades desenvolvidas.



Fonte: Gehl (2010).

Para entender o uso do mobiliário urbano como produto desenvolvido e projetado através do design, Pizzato (2013) corrobora com a afirmação de Lobach (2001): “Quanto mais distante estiver um usuário de possuir ou utilizar um produto, maior é a sua indiferença em relação ao mesmo”. Entende-se que se o usuário não apresentar um sentimento de pertencimento (ou apropriação) junto aos equipamentos instalados no ambiente urbano, a possibilidade de depreciação devido ao não uso aumenta proporcionalmente. A autora divide a forma de uso do produto em três grupos distintos: uso individual<sup>16</sup>, uso de determinados grupos<sup>17</sup> e uso indireto<sup>18</sup>. Os produtos de uso coletivo se encaixam no segundo grupo em que “a relação com o usuário não é tão intensa”.

O mobiliário urbano, identificado como um produto de uso coletivo, precisa manter uma relação que proporcione o mínimo de sentimento de apropriação por parte do usuário, para isso a identidade local é um fator que deve ser considerado no processo projetual. O produto pode ser desenvolvido de forma a corroborar com essa identidade e história do local onde está inserido ou simplesmente não interferir em sua leitura. Para tanto, faz-se necessário um estudo prévio do local onde o mobiliário

<sup>16</sup> Uso individual – produtos industriais usados exclusivamente por uma determinada pessoa.

<sup>17</sup> Uso por determinados grupos – produto de uso coletivo utilizado por pequenos grupos de pessoas conhecidas ou grupos maiores de usuários que não se conhecem.

<sup>18</sup> Uso indireto – produto que não é utilizado diretamente pelos consumidores.

urbano será inserido. Esse estudo deve trazer informações sobre as principais características históricas e apresentar a identidade do local.



## **CAPÍTULO 3 – MÉTODOS E TÉCNICAS**

Este capítulo tem como objetivo caracterizar e descrever, de forma detalhada, todos os procedimentos utilizados no desenvolvimento da pesquisa.

### **3.1 Caracterização da pesquisa**

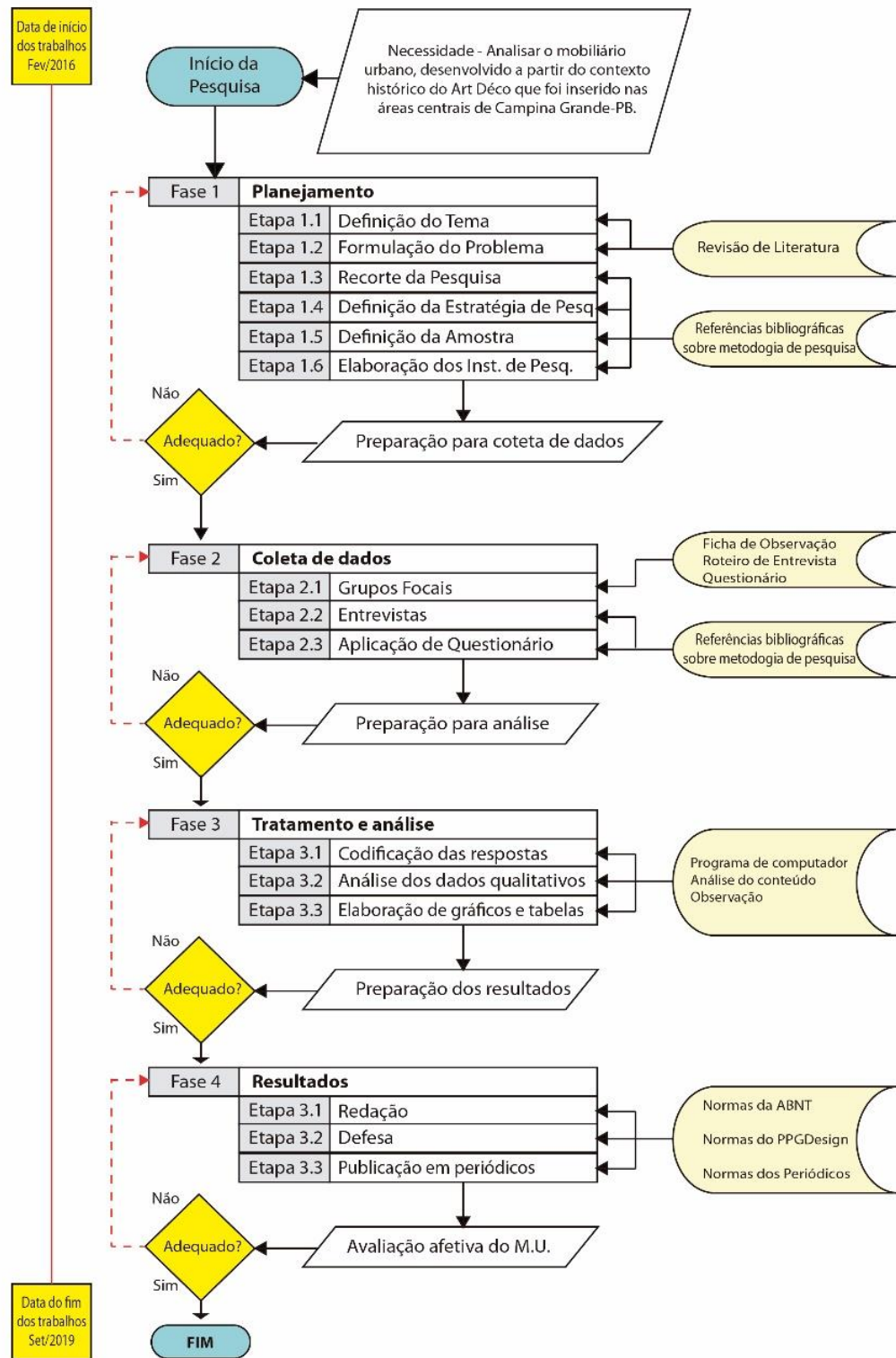
Quanto à forma de investigação do problema, esse estudo utiliza-se de várias abordagens, uma vez que está fundamentado em uma premissa pragmática (CRESWELL, 2010), onde o conhecimento é gerado a partir de ações, situações práticas e consequências, caracterizando-se como uma pesquisa qualitativa, pois não se preocupa com representatividade numérica, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização (GERHARDT E SILVEIRA, 2009). Examina dados de maneira indutiva, privilegiando os significados. Em função dos objetivos, a dissertação envolve pesquisa exploratória, pois busca maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais claro, aprimorando as ideias apresentadas. Para tanto, faz-se necessário abordar levantamento bibliográfico, entrevistas e aplicação de formulários, levantamento de dados a partir de observações e análise de imagens, podendo delimitar uma amostra da população que possua experiência prática com o problema pesquisado. Além disso, tem caráter descritivo, buscando a caracterização de uma população específica, a fim de identificar possíveis variáveis que determinem a ocorrência de alguns fenômenos (GIL, 2008; MARCONI e LAKATOS, 2009). O Quadro 1 apresenta um resumo da estrutura adotada para a caracterização do estudo.

Esta pesquisa pode ser entendida, também, como sendo *ex-post-facto*, na medida que se realiza depois do fato ter ocorrido de forma espontânea e não pela interferência do pesquisador. A entrevista, aplicada a grupos focais definidos como usuários e especialistas, é caracterizada como uma ferramenta qualitativa, por considerar as interações entre os grupos e o ambiente analisado, uma vez que na caracterização das reações que se suscitam como emoções e espontaneidade, as opiniões são mais emotivas, evidenciando o caráter qualitativo (PAZMINO, 2015).

### **3.2 Metodologia**

A figura 30 ilustra de forma sintetizada e objetiva o passo a passo metodológico da pesquisa.

Figura 30: Fluxograma geral da metodologia de pesquisa.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A estratégia metodológica baseou-se em procedimentos operacionais para caracterização do espaço (MONTENEGRO, 2014), servindo de fio condutor para a aplicação das estratégias subsequentes, avaliação da interação do usuário com o

ambiente através de análise afetiva (PIZZATO, 2013), aplicadas a grupos focais definidos (PAZMINO, 2015). Tal estratégia dividiu-se em quatro etapas (Figura 31):

Figura 31: Resumo da estratégia da pesquisa.



Fonte: Adaptado de Pizzato (2013); Montenegro (2014) e Pazmino (2015).

- 1ª etapa: **Caracterização** do espaço urbano estudado;
- 2ª etapa: **Identificação** dos atributos presentes em espaços urbanos, relacionados à percepção dos usuários;
- 3ª etapa: **Avaliação** dos usuários sobre o espaço urbano estudado, de acordo com suas emoções;
- 4ª etapa: **Comparação** entre os resultados das entrevistas realizadas na rua Maciel Pinheiro e no Calçadão da Cardoso Vieira.

As etapas seguiram uma sequência cronológica, possibilitando um melhor desenvolvimento tanto do processo de levantamento dos dados, quanto de sua análise.

### 3.2.1 Etapa 1: Caracterização do espaço

Corresponde a uma investigação indutiva e descritiva do espaço através de observação sistemática, onde são desenvolvidos conceitos e entendimentos relacionados ao contexto socioambiental. Assim, são observados aspectos de uso, atividades e apropriações do espaço público, analisando os elementos que configuram a paisagem local, através de observação e captura de imagens.

Para tanto, se fez necessário identificar a presença, ou não, de algumas condições que são primordiais para uma análise do ambiente construído (MONTENEGRO, 2014), conforme apresentado no Quadro 2:

Quadro 2: Condicionantes para análise ambiental.

Acessibilidade e mobilidade	Dimensionamento e qualidade da infraestrutura do entorno, que facilitem o fluxo de deslocamento; definição racional do alinhamento dos elementos urbanos e demais estruturas no espaço de circulação.
Adaptabilidade	Possibilidade de adaptação a diferentes cenários da evolução da cidade em função de novas necessidades advindas de mudanças nos padrões sociais, culturais e econômicos; diversidade de usos (caráter efêmero ou duradouro).
Identidade	Cada local possui características e qualidades que o torna único, valorizando o entorno. Apresenta simbolismos e significados que suscitam memórias, tradições e a própria história da cidade.
Legibilidade	Relações ordenadas por compatibilidade de linguagens formais, escalas e proporções e baixo nível de contraste entre os diversos elementos do contexto ambiental; locais de fácil compreensão e circulação.
Permeabilidade	Espaços de transição suave entre o espaço público e o privado; edificações que permitam a relação interior-exterior.
Segurança, conforto e apazibilidade	Equilíbrio formal entre os elementos/sistemas do espaço e sua relação formal com o entorno imediato; ambiente dinâmico, organizado, limpo, dotado de

	elementos naturais (vegetação) que promovam a fácil circulação e permanência.
--	---

Fonte: Adaptado de Montenegro (2014).

Esses condicionantes permitiram analisar o espaço público como um todo a partir das informações obtidas na coleta de dados.

### 3.2.1.1 Coleta e processamento de dados (etapa 1)

Após a liberação do Comitê de Ética, através do “Parecer Consubstanciado do CEP” (Anexo A), a coleta ocorreu durante 10 dias, distribuídos entre os meses de março e maio de 2018, contemplando dias de semana e finais de semana. Foi realizada tanto pela manhã (08h00 às 12h00) quanto à tarde (14h00 às 18h00), período em que cada conjunto de mobiliário urbano foi observado durante uma hora/turno. A cada intervalo de 10 minutos foi realizada uma fotografia para verificar, naquele momento, os usuários interagindo com o produto (fotografia manipulada posteriormente de forma a proteger a identidade e integridade dos usuários).

Na rua Maciel Pinheiro, o mobiliário foi separado em grupos (ilhas) constituídos de quatro produtos, segundo sua disposição física nas quadras, levando em consideração o mesmo princípio adotado para o levantamento do mobiliário naquele local, ou seja, o agrupamento pré-existente. No Calçadão da Cardoso Vieira, o mobiliário foi analisado como um único conjunto, tendo em sua composição os mesmos elementos encontrados na Maciel Pinheiro. Essa aferição, segundo Montenegro (2014, p. 47), permite “observar o uso do produto pelos usuários no meio ambiente urbano, seu estado de ociosidade, condição de uso, relevância, ordenamento e desempenho funcional.”

Em seguida, os dados foram organizados e separados de acordo com os seis critérios apresentados anteriormente (Quadro 2), em arquivo digital, contendo o conjunto de informações referentes à cada item. A caracterização do espaço é resultado da análise individual desses critérios.

### 3.2.2 Etapa 2: Identificação dos atributos para avaliação de espaços urbanos, relacionados à percepção dos usuários

Para identificar e posicionar os atributos relativos a espaços urbanos no diagrama de avaliação afetiva, levou-se em conta tanto as características culturais e

sociais da população, como também a percepção dos usuários. Para obter as informações necessárias, foram identificados dois grupos distintos: **usuários primários/especialistas** (GF1) nos quais o principal fator de inclusão foi a formação acadêmica e estudos desenvolvidos sobre o assunto. O segundo grupo foi composto por **usuários finais/comuns** (GF2), cujo principal critério foi a utilização diária e constante do objeto de estudo. O mesmo procedimento foi utilizado para ambos. Inicialmente, foram apresentadas as imagens do ambiente (Figura 32), com a intenção de extrair a maior quantidade possível de aspectos emocionais dos entrevistados.

Em seguida, foi aplicado um roteiro de perguntas por meio de entrevista aberta, contendo questionamentos sobre a cidade de Campina Grande, o Centro Histórico e seu mobiliário urbano (apêndices 1 e 2), cuja intenção foi de motivar a demonstração de sentimentos advindos das respostas apresentadas.

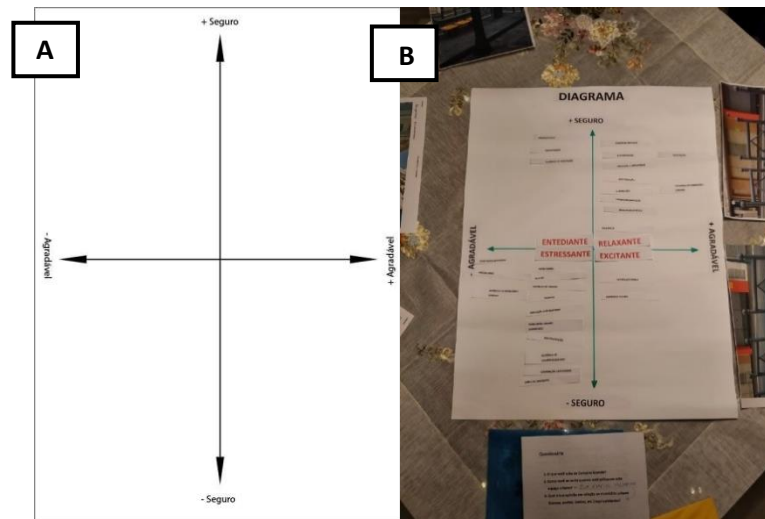
Figura 32: Imagens apresentadas ao grupo focal.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Na sequência, foi feita a aplicação do “diagrama de avaliação afetiva de espaços” (Figura 33-A) para identificação de atributos presentes em um espaço urbano, relacionados às emoções dos dois grupos (GF1 e GF2) analisados.

Figura 33: (A) Diagrama de avaliação afetiva do centro histórico; (B) Construção do diagrama pelo GF2 (usuários finais/comuns).



Fonte: (a) Adaptado de Pizzato (2013); (b) Arquivo pessoal (2018).

O processo de montagem consistiu em apresentar o diagrama em branco aos usuários, apenas com os constructos norteadores “segurança” e “agradabilidade”. Os grupos receberam 27 atributos (características), extraídos de Pizzato (2013) em pedaços de papel, para que, em comum acordo, fossem posicionados nos quadrantes correspondentes (Figura 27-B).

### 3.2.2.1 Coleta e processamento de dados (etapa 2)

As entrevistas através dos grupos focais foram realizadas entre os meses de maio e junho de 2018. Os participantes foram convidados via meio eletrônico (*e-mail*), telefone ou contato direto com o pesquisador. Nesse primeiro contato foi apresentado o tema da pesquisa, os objetivos e benefícios do levantamento. Todo o processo foi registrado por vídeo e gravação de áudio, possibilitando a transcrição dos dados levantados, com autorização prévia dos participantes.

O grupo focal dos usuários primários/especialistas foi realizado via Skype, ao passo que o grupo focal de pessoas que representavam os usuários finais/comuns, foi realizado na residência de um destes, formado por um grupo heterogêneo de pessoas que residem na cidade de Campina Grande.

### 3.2.3 Etapa 3: Avaliação dos usuários sobre o espaço urbano, de acordo com suas emoções

Para avaliar o espaço urbano estudado de acordo com as emoções dos usuários, foram realizadas entrevistas semiestruturadas (apêndice 5) com os quatro usuários primários/especialistas, além da aplicação de formulários (Apêndice 6) com estes e com os 40 usuários<sup>19</sup> finais/comuns, o que permitiu identificar os principais atributos vinculados ao mobiliário urbano e ao ambiente.

A intenção em aplicar o formulário foi de averiguar as emoções positivas e negativas dos usuários sobre o ambiente urbano estudado, evidenciadas na medida em que responderam “sim” ou “não” para cada um dos atributos listados (adaptados de Pizzato, 2013).

### 3.2.3.1 Coleta e processamento de dados (etapa 3)

Essa etapa foi feita diretamente no local (centro histórico), e foram abordadas pessoas que transitavam aleatoriamente pela rua Maciel Pinheiro e no Calçadão da Cardoso Vieira ou faziam uso do mobiliário urbano existente. As entrevistas e aplicação dos formulários foram realizados entre o mês de maio e junho de 2018. Os participantes foram convidados por meio eletrônico (*e-mail*), telefone ou contato direto com o pesquisador.

Para os usuários primários/especialistas, os formulários e as entrevistas foram aplicados conjuntamente em seus locais de trabalho, com duração média de 40 minutos. A análise dessa etapa foi feita a partir da leitura das transcrições dos dados, com o objetivo de chegar a interpretações precisas sobre a opinião dos entrevistados. Já os formulários direcionados aos usuários finais/comuns foram aplicados na rua Maciel Pinheiro e no Calçadão da Cardoso Vieira.

Para a análise do conteúdo dos formulários, buscou-se extrair todas as emoções apresentadas nas respostas dos participantes, que foram classificadas de acordo com a quantidade de vezes que foram citadas. Foram considerados os atributos que obtiveram mais da metade das respostas afirmativas ou negativas (três para os usuários primários/especialistas e 21 para os usuários finais/comuns) destacados em negrito e, em seguida, classificados em emoções positivas ou negativas.

### 3.2.4 Etapa 4: Comparação das entrevistas aplicadas entre os usuários finais/comuns

---

<sup>19</sup> Quantidade escolhida de forma não estatística devido à abordagem qualitativa adotada na pesquisa.



Os formulários com usuários finais/comuns foram aplicados na rua Maciel Pinheiro e no Calçadão da Cardoso Vieira, uma vez que o mobiliário urbano é igual em ambos os locais. Por meio de comparação, buscou-se verificar se a percepção do espaço urbano poderia influenciar no uso do mobiliário urbano nele inserido.

#### *3.2.4.1 Coleta de dados (etapa 4)*

Foram consultados 20 usuários finais/comuns no Calçadão da Cardoso Vieira, no dia 03 de agosto de 2019, pela manhã, dado o fluxo considerado de pessoas no local no turno matutino. A análise dos dados foi feita comparando os resultados com os formulários aplicados aos usuários finais/comuns da rua Maciel Pinheiro.

## CAPÍTULO 4 - RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 Caracterização do ambiente (etapa 1)

Através de observação sistemática, essa etapa corresponde a uma investigação cujo objetivo é descrever os aspectos de uso, atividades e apropriações do espaço público, analisando os elementos que configuram a paisagem local.

#### 4.1.1 A rua e o calçadão – distribuição e organização

A partir das observações e do levantamento fotográfico feitos na rua Maciel Pinheiro, foi possível identificar quais são os artefatos que compõem o conjunto de mobiliário urbano existente na composição das ilhas de convivência e como estão dispostos no local (Figura 34).

Figura 34: Mobiliário urbano da rua Maciel Pinheiro (ilhas de convivência).

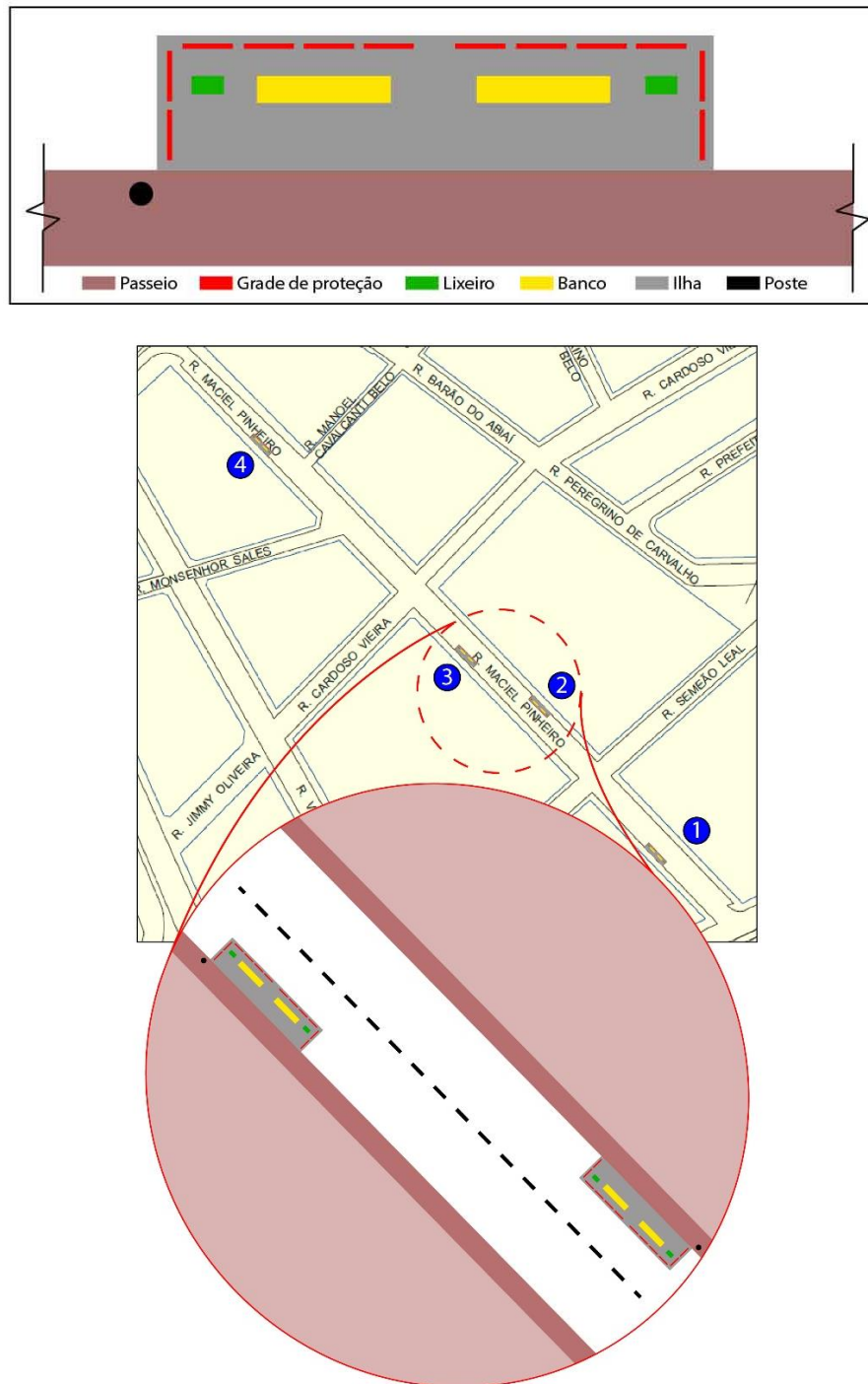


Fonte: Elaborado pelo autor.

O conjunto é composto por lixeira (A), grade de proteção (B), banco (C) e poste de iluminação (D). O acesso à ilha foi pensado de forma a facilitar o fluxo de

deslocamento dos pedestres, pois o posicionamento paralelo e nivelado aos passeios contribui para a mobilidade do local. O conjunto de quatro ilhas foi distribuído de forma a contemplar toda extensão da rua Maciel Pinheiro, como mostra a Figura 35.

Figura 35: Ilhas de convivência localizadas no mapa; vista superior da ilha e seus elementos.



Fonte: Elaborado pelo autor.

O mesmo conjunto de mobiliário urbano é encontrado ao longo do Calçadão da Cardoso Vieira (Figura 36), porém sua distribuição foi feita de forma mais concentrada. Os bancos e lixeiras foram dispostos no centro do ambiente, ficando entre as árvores. Já as grades de proteção foram colocadas no início do calçadão.

Figura 36: Distribuição e layout do Calçadão da Cardoso Vieira.



Fonte: Adaptado de [campinagranderainhadaborborema.blogspot.com](http://campinagranderainhadaborborema.blogspot.com)

O acesso ao Calçadão se dá através das calçadas da rua Venâncio Neiva e da rua Marquês do Herval. Além do mobiliário apresentado, pôde-se observar algumas placas de orientação (Figura 37) que fizeram parte do projeto de revitalização. Outro ponto observado foi a inserção de tipologias diversas de mobiliário urbano ao longo da área estudada, descaracterizando o contexto apresentado pelo “Projeto Campina Déco”. São produtos como lixeiras e placas de publicidade que interferem no entendimento do conjunto arquitetônico proposto.

Figura 37: Placa de sinalização.



Fonte: Elaborado pelo autor.

No Quadro 3 estão listados os diferentes tipos de mobiliário e sua respectiva quantidade (rua Maciel Pinheiro e calçada da Cardoso Vieira).

Quadro 3: Mobiliário urbano existente no ambiente estudado.

<b>Tipo</b>	<b>Quantidade</b>
Grade de proteção	49
Lixeira	17
Banco	12
Poste de iluminação	30
Placas de orientação	5
Cabine telefônica	4

Fonte: Elaborado pelo autor.



#### 4.1.2 A utilização do espaço

A rua Maciel Pinheiro é composta, em sua grande maioria, por prédios comerciais (lojas de vestuário, farmácias, lojas de calçados) e ambientes para prestação de serviços, localizados nos pavimentos superiores das edificações (ateliers de costura, estúdios fotográficos, etc.). Embora em pequena quantidade, nestes pavimentos também se encontram apartamentos e quitinetes para moradia.

Constatou-se que em dias comerciais o fluxo maior de pessoas é nos turnos da manhã e da tarde, dado o funcionamento dos estabelecimentos comerciais (Figura 38). No turno da noite e nos finais de semana, ocorre um esvaziamento do local, muito embora haja condições de iluminação favoráveis à circulação de pedestres.

Figura 38: Usuários sentados nos bancos antes das lojas abrirem.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Embora o entorno proporcione um acesso sem dificuldades às ilhas de convivência, a quantidade de pessoas que utilizam o espaço não condiz com o fluxo de pedestres em deslocamento pelo ambiente, durante o horário comercial.

Nos fins de semana e feriados, a quantidade de usuários na rua Maciel Pinheiro diminui drasticamente, apresentando um cenário de abandono, carente de usos que pudessem aproveitar o seu potencial cultural e econômico.

A degradação do local pode ser explicada por alguns fatores que foram levantados durante esta pesquisa. O primeiro aspecto foi a falta de manutenção dos equipamentos urbanos, pois grande parte encontra-se com alto grau de depreciação. Pode-se observar a falta de assentos nos bancos, pichação e pintura desgastada. Alguns postes de iluminação estão com seus globos quebrados, muitas lixeiras estão danificadas (figura 39). Os acabamentos em forma de esfera, característicos da maioria dos equipamentos, foram retirados ou saqueados. Essa falta de cuidado, por parte dos órgãos públicos, interfere diretamente na relação usuário e produto. Outro aspecto é a própria relação usuário e produto que, por falta do sentimento de pertencimento, contribui para o aumento da degradação.

Figura 39: Mobiliário urbano danificado.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Um aspecto levantado como possível causa da subutilização do mobiliário urbano foi a inexistência de proteção às intempéries, pois foi observado que os horários de maior incidência solar (das 09h00 às 13h00) coincidem com o período de



menor utilização dos bancos. A falta de elementos naturais (vegetação), deixa de lado sensações de conforto e apazibilidade extremamente importantes no contexto urbano.

Ao contrário da rua Maciel Pinheiro, pode-se identificar um intenso uso de todo o conjunto urbano apresentado no calçadão da Cardoso Vieira (Figura 40). Por se apresentar como um local de maior permanência, onde fatores como ventilação e sombreamento promovem um maior conforto ambiental. O usuário pode desfrutar de serviços como lanchonetes e quiosques, aumentando as atividades opcionais e sociais (GEHL, 2010).

Figura 40: Calçadão da Cardoso Vieira.



Fonte: Elaborado pelo autor

#### 4.1.3 Condições para análise do ambiente identificadas no local da pesquisa

A partir da caracterização dos locais estudados, foi possível identificar as condições que permitiram a análise ambiental. Essas condições estão apresentadas no quadro 4, de forma a permitir uma análise dos espaços públicos estudados.

Quadro 4: Condições para análise e comparação dos ambientes de estudo.

Calçadão da Cardoso Vieira	Rua Maciel Pinheiro
<b>Acessibilidade e Mobilidade</b>	
<p>Fluxo de deslocamento exclusivamente de pedestres. O usuário se apresenta como pessoas de várias faixas etárias, tendo uma pequena predominância de idosos que utilizam o espaço em suas atividades sociais. Há distribuição equilibrada dos elementos urbanos e estrutura de circulação (piso regular) de fácil acesso à diversidade de usuário. Falta piso tátil. Manutenção deficiente.</p>	<p>Fluxo dividido entre pedestres e automóveis. Usuário de várias faixas etárias. O conjunto de equipamentos apresenta boa mobilidade para os usuários. Várias rampas para cadeirante estão posicionadas ao longo da rua, as calçadas apresentam piso regular e uniforme. Falta piso tátil. Manutenção deficiente.</p>
<b>Adaptabilidade</b>	
<p>Os espaços são passíveis de adaptação para se moldar à evolução da cidade. Isso já vem acontecendo ao longo dos anos através de mudanças radicais no seu uso.</p>	
<b>Identidade</b>	
<p>O Calçadão apresenta uma identidade voltada para a convivência e atividades sociais como conversas, descanso e espera.</p>	<p>A Maciel Pinheiro sempre foi uma rua voltada para o comércio e suas calçadas são naturalmente usadas como um local de passagem.</p>
<b>Legibilidade</b>	
<p>O ambiente apresenta linguagens formais compatíveis com as atividades desenvolvidas em seu entorno. A relação de escala entre os elementos apresenta um baixo nível de contraste, pois é composto</p>	<p>Nesse quesito, pode-se identificar uma clara relação entre os diversos elementos do contexto ambiental. A relação de escala entre os elementos apresenta um baixo</p>

em sua grande maioria de pequenas edificações. nível de contraste, pois é composto, em sua grande maioria, de pequenas edificações.

### Permeabilidade

Por se tratar de um espaço voltado para o comércio, a transição dos espaços é facilitada de forma a permitir o livre acesso dos pedestres ao interior das edificações.

### Segurança, Conforto e Apropriação

Com boa parte de sua área sombreada pela vegetação local, o ambiente gera um sentimento de conforto e apropriação. A falta de manutenção adequada gera um pouco de desconforto. Por se tratar de um local de permanência, o calçamento proporciona uma convivência social aos seus usuários.

A inexistência de vegetação apresenta-se como um ponto negativo no que se refere à sensação de conforto e apropriação. Porém, o espaço apresenta-se limpo e com uma certa organização, facilitando a circulação. Quanto à caracterização de permanência, a rua se mostra como um local de passagem e circulação rápida.

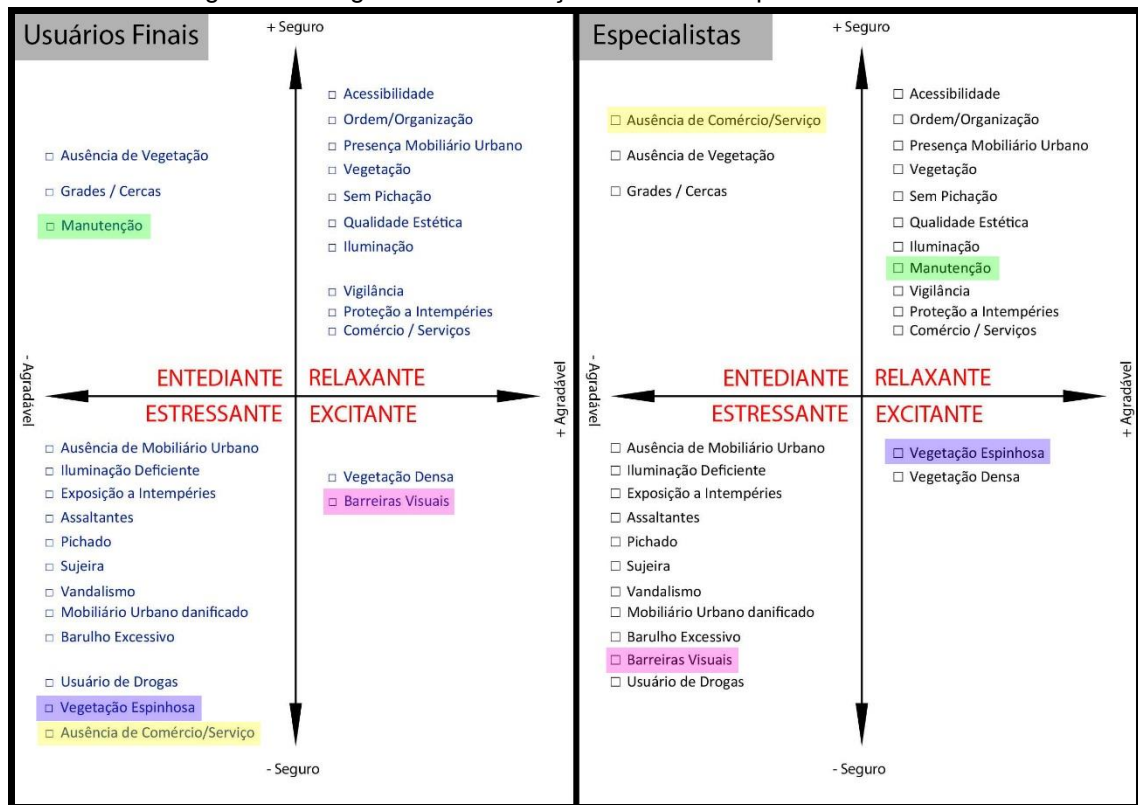
Fonte: Adaptado de Montenegro (2014)

## 4.2 Identificação dos atributos presentes em espaços urbanos, relacionados à percepção dos usuários (etapa 2)

A partir da união das informações referentes aos grupos focais de usuários primários/especialistas (GF1), e usuários finais/comuns (GF2), foram obtidos os resultados que são apresentados nessa etapa do trabalho.

O resultado do posicionamento dos atributos no “diagrama de avaliação afetiva de espaços”, pelos grupos focais, mostrou-se bem próximo, pois apenas quatro foram posicionados em quadrantes diferentes e, mesmo assim, se mantiveram coerentes em pelo menos um dos eixos de avaliação, como mostra a figura 41.

Figura 41: Diagramas de avaliação afetiva – Grupos Focais.



Fonte: Adaptado de Pizzato (2013).

O atributo referente à “manutenção” (destacado em verde) foi posicionado em quadrantes diferentes, mas pode-se observar que é um item que proporciona sensação de segurança ao usuário. Já “vegetação espinhosa” (em lilás) e “barreiras visuais” (em rosa), mesmo sendo divergentes no eixo da agradabilidade, são atributos que trazem insegurança quando existentes. A “ausência de comércio/serviço” (em amarelo) divergiu com relação ao eixo “segurança”, mas os dois grupos convergiram quanto à opinião de ser um atributo desagradável: um grupo apresenta como sendo entediante e o outro como estressante. Essa comparação entre os resultados dos dois grupos focais expôs pequenos conflitos gerados pela diferença entre os olhares técnicos dos especialistas e a percepção dos usuários comuns.

Comparando o resultado obtido com o diagrama proposto por Pizzato (2013) em sua tese (Figura 36), pode-se observar que o atributo “vigilância” foi vinculado ao quadrante relaxante (agradável e seguro) e não ao quadrante entediante (desagradável e seguro). A “ausência de vegetação” foi posicionada no quadrante relaxante e não no estressante, como está no estudo original, o que indica uma menor relação deste item com a falta de segurança.



Figura 42: Diagrama de avaliação afetiva de espaços.



Fonte: Pizzato (2013).

As divergências entre os resultados obtidos no trabalho de Pizzato (2013) e o resultado dos diagramas gerados neste trabalho, evidenciam as diferenças e características locais de cada espaço urbano, pois os usuários de cada ambiente também apresentam diferenças em termos sociais e culturais. Isso fica mais evidente quando consideramos os locais estudados: a cidade de Gramado-RS e a cidade de Campina Grande-PB, que divergem, por exemplo, em aspectos como posição geográfica (em extremos do país), tamanho, número de habitantes, clima e cultura.

#### 4.3 Avaliação dos usuários sobre o espaço urbano estudado, de acordo com a afetividade (etapa 3)

Neste momento, procurou-se identificar o posicionamento dos grupos de usuários com relação aos atributos existentes em cada ambiente, o que possibilitou o uso do diagrama de avaliação afetiva para analisar a relação entre esses usuários no espaço urbano estudado.

#### 4.3.1 Aplicação de entrevistas aos usuários primários/especialistas

Esta etapa consistiu na consulta aos especialistas (por meio de entrevista), onde foram feitas perguntas direcionadas ao contexto da cidade e, posteriormente, ao mobiliário urbano da rua Maciel Pinheiro (objeto e universo de estudo desta pesquisa). Os resultados obtidos nesse processo possibilitaram uma análise mais aprofundada e abrangente do universo pesquisado.

#### **Entrevistado 1:**

Diante dos primeiros questionamentos, o entrevistado 1 apresentou um panorama sobre o desenvolvimento de Campina Grande, enfatizando o seu avanço em setores como o a indústria e a formação acadêmica nos últimos trinta anos. Em contrapartida, foi feita uma crítica ao descuido com o centro histórico, que se encontra “depredado”, e ao crescimento da violência urbana.

Com relação ao Art Déco Campinense, o entrevistado reconheceu sua importância como estética adotada pela cidade e que, de certa forma, foi “algo revolucionário para a época”. Por outro lado, a imposição desse estilo arquitetônico trouxe prejuízos a história da cidade, gerando uma “perda da cultura que tinha se estabelecido”. Vários prédios “clássicos” foram demolidos em detrimento ao novo estilo, então, por mais que tenha sido uma ação revolucionária, a imposição do Art Déco se tornou um ato rude na medida que rompeu com um modelo que já existia e foi, erroneamente, considerado ultrapassado. Então a vinda do Déco pode ser considerada “a perda do que era antes com o estilo clássico”.

Com relação ao projeto Campina Déco, o entrevistado afirmou que foi apresentado à intenção de se valorizar um estilo que, como falado anteriormente, foi implantado na cidade e essa estrutura não era trabalhada a mais de quarenta anos. Para isso, procurou-se fazer um resgate dos projetos originais, identificando cada fachada e seu respectivo desenho. Depois tentou-se identificar as cores originais através do processo de prospecção cromática<sup>20</sup>. A intenção do projeto era resgatar o acervo Art Déco existente desde os anos cinquenta, transformando o centro da cidade num ambiente de passeio, de convivência e valorização por parte dos usuários. Porém, o processo não caminhou como deveria, pois, surgiram alguns entraves como a questão de os imóveis serem particulares, necessitando, assim, de investimento dos

---

<sup>20</sup> Prospecção cromática é o processo de identificação da pintura original de uma superfície através da retirada das camadas mais recentes. (Nota do autor)



próprios donos (situação que não ocorreu) e por se tratar de uma área tombada, onde existem regras de conservação do patrimônio. O que precisa ser entendido é que não houve realmente uma revitalização e sim apenas uma tentativa. Algumas fachadas foram pintadas dentro do padrão estabelecido e houve algumas intervenções pontuais. Devido a essas dificuldades, o resultado apresentado não demonstra uma coerência formal, não existe uma unidade do conjunto urbano.

Com relação ao mobiliário urbano, o entrevistado afirmou que o conjunto desenvolvido para a rua Maciel Pinheiro não fez parte diretamente do projeto Campina Déco, seu desenvolvimento partiu de professores do antigo Departamento de Desenho Industrial da então UFPB (hoje UFCG). Pode-se entender que existiu uma tentativa de inclusão do mobiliário ao contexto Déco. Independentemente de como o projeto foi concebido, ele conseguiu se inserir no contexto urbano, mas com o passar do tempo isso se perdeu com a falta de uma manutenção correta, fazendo com que se perdesse dentro de uma ilha e deixasse de conversar com a arquitetura do entorno. Para finalizar sua opinião, o entrevistado disse que o único momento em que o estilo Art Déco ainda é evidenciado no contexto da rua Maciel Pinheiro é durante a noite, quando as luzes dos globos circulares enaltecem as fachadas e não há interferência de carros e do grande fluxo de pessoas na visualização do conjunto arquitetônico.

### **Entrevistado 2:**

Instigado a falar sobre Campina Grande, ele evidenciou o fato de a cidade ter uma vocação acadêmica com vasta produção de conhecimento junto a uma cultura popular muito rica. Quando questionado sobre o estilo Art Déco, o entrevistado apresenta uma ideia de que a arquitetura Déco veio como um processo que representava a modernização, “foi a arquitetura que veio para esse processo de urbanização e renovação urbana”, definindo a cidade que é apresentada hoje. Esse processo teve um custo, pois quase toda a arquitetura anterior foi destruída, gerando “uma cidade antiga com arquitetura nova”. O entrevistado 2 afirma que o conceito de Campina Grande como cidade do Art Déco foi evidenciado apenas nos anos 1990 com os estudos realizados pela pesquisadora Lia Mônica, o que deu origem ao processo de tombamento do centro histórico da cidade e alavancou o projeto de revitalização denominado Campina Déco. Para o entrevistado 2, o projeto tinha o objetivo de requalificar as fachadas, melhorando a relação entre os edifícios e a rua.

Com relação à rua Maciel Pinheiro, o entrevistado a considera como um espaço que mantém uma relação entre o usuário/pedestre, o edifício e o espaço público muito interessante, pois a forma de assentamento tradicionalmente agrupada gera uma aproximação entre esses elementos. As calçadas são cobertas por marquises que geram um passeio coberto. É um espaço muito rico do ponto de vista de acontecimentos, conseguindo agrupar pessoas em suas quadras. Já o mobiliário urbano é alvo de críticas pelo entrevistado. Os postes de iluminação instalados durante a reforma são considerados falsos históricos por terem a intenção de imitar um produto dos anos 30, mas com sua produção nos anos 2000. Os outros equipamentos urbanos instalados geraram um subaproveitamento do espaço, além de problemas com manutenção e não cumpre a função de criar uma identidade local.

### **Entrevistado 3**

No que se refere à cidade de Campina Grande, o entrevistado afirmou que, devido ao seu crescimento, a cidade perdeu um pouco da estrutura urbana que tinha. A área central ainda consegue manter uma certa organização, em termos de ruas, avenidas e das próprias edificações. Quando questionado sobre o Art Déco, ele enfatizou que as alterações promovidas para implementar esse estilo arquitetônico promoveram grandes mudanças na estrutura da cidade. As ruas, que eram pequenas e mal traçadas, deram lugar a ruas largas, grandes avenidas foram abertas com traçados mais bem definidos de ruas e calçadas. As próprias construções começaram a obedecer a um planejamento urbano.

Ao ser perguntado sobre o projeto Campina Déco, o entrevistado 3 enfatizou a seriedade de como o projeto foi conduzido e da responsabilidade a respeito do que deveria ser feito. A revitalização não se restringia apenas às fachadas das edificações, mas também da própria infraestrutura da cidade, modificando calçadas e trazendo uma limpeza visual com a retirada do excesso de publicidade. Com relação ao projeto do mobiliário, procurou-se desenvolver um tipo de mobiliário que fosse adequado ao espaço como um todo, que tivesse a ver com o Déco (uma solicitação do prefeito). “Como se pegou esse mote do estilo Déco, alguns detalhes foram colocados nos produtos”. Por exemplo, as esferas metálicas no topo das placas de sinalização.

Na opinião do entrevistado, a rua Maciel Pinheiro se encontra totalmente degradada. Não houve, por parte da prefeitura, a manutenção dos equipamentos, o que deixou tudo sucateado. Por falta de fiscalização, as fachadas foram modificadas

e cobertas por placas de publicidade, voltando ao que era antes da revitalização. Como o equipamento urbano está na escala humana, fica muito mais fácil degradá-lo. Esse mobiliário está praticamente morto dentro do contexto da rua.

#### **Entrevistado 4:**

Para começar, o entrevistado declarou gostar muito de Campina Grande, mas que o seu amor está relacionado aos habitantes e à vida na cidade e não a sua estrutura. Ele afirmou que Campina vem sofrendo muito desde os anos 70. Antes desse período existia um bom projeto que vem se deteriorando com o passar do tempo, principalmente no que se refere ao urbanismo. O exemplo apresentado por ele é o Açude Velho. “O Açude Velho está sendo tomado da gente”. Essa afirmação é explicada pela retirada da ventilação e principalmente pelo furto da paisagem e depreciação da estética lá existente. Várias edificações de qualidade duvidosa estão sendo inseridas sem critério algum, como o monumento da bíblia e o edifício apelidado de “Fábrica de Burros”.

Com relação ao Art Déco, o entrevistado foi bastante crítico quanto ao “descobrimento do Art Déco Campinense” e principalmente por caracterizar as edificações como uma corrente específica chamada de Arquitetura Naval e outra derivada de Miami chamada de Tropical Déco, não podendo comparar com o Art Déco francês e nem com o americano. Alguns edifícios no centro têm características desse estilo, mas exclusivamente nas fachadas. É como se fosse uma grande cenografia.

Quando abordado sobre o projeto de revitalização Campina Déco, o entrevistado surgiu com outra crítica, pois julgou esse projeto ter sido desenvolvido sem nenhum critério. Primeiramente falou da iluminação usada, citando a fala de uma arquiteta que participou do projeto: “Vamos reviver a iluminação e os postes do Art Déco”. Primeiro ele afirma que estilo passado não se revive. A iluminação implantada está numa altura que ofusca tanto o pedestre como quem passa de carro. A implantação do mobiliário urbano foi de forma equivocada por também tentar reviver o estilo Art Déco. “Pintar fachada não é projeto de revitalização, é serviço de pintura”.

Com relação à rua Maciel Pinheiro, o entrevistado iniciou relatando a má distribuição do mobiliário urbano, pois tem-se bancos que são posicionados no sol, à medida que existe em toda a extensão da rua um passeio com sombreamento feito através de marquises. Fala também do excesso de lixeiras distribuídas ao longo da

rua. Para finalizar a fala sobre a rua, ele afirma que uma intervenção deveria ser feita de forma criteriosa e por pessoas que entendem do que está sendo feito.

Quando instigado a falar um pouco mais sobre o mobiliário urbano existente na rua Maciel Pinheiro, o entrevistado 3 lembrou de quando a rua era composta por um calçadão e os bancos eram dispostos no centro do espaço, aparentemente mais adequados que os atuais. Para o entrevistado, a rua tem um potencial a ser desenvolvido. É uma rua que não tem só edificações com estilo derivado do Art Déco, existem prédios modernistas e neoclássicos. Essa hipervalorização do Art Déco não deveria existir.

#### *4.3.1.1 Conclusão da aplicação das entrevistas aos usuários primários/especialistas*

Como resultado das entrevistas dos usuários primários/especialistas, pôde-se concluir que a cidade de Campina Grande apresentou, nos últimos anos, um grande desenvolvimento industrial e uma boa produção acadêmica. Por outro lado, alguns pontos negativos foram aflorados, a exemplo do aumento da violência urbana e o evidente descuido do centro histórico. Existiu um entendimento sobre a importância do estilo Art Déco como fator que corroborou com a transformação da cidade, promovendo grandes mudanças em sua estrutura. Toda via, esse processo teve um custo alto, pois a maioria da produção arquitetônica que o precedeu foi destruída em pró do “novo”. O Art Déco Campinense foi evidenciado a partir dos anos 90 e serviu de parâmetro para a tentativa de revitalização do centro histórico.

De acordo com as respostas dadas pelos especialistas, a implementação do Art Déco no local anulou os estilos anteriormente utilizados. Além disso, o projeto de revitalização – Campina Déco – enfrentou diversos problemas, como não ter sido executado de forma correta e completa, resultando em sua não finalização, como previsto no projeto inicial. Há, ainda, uma exacerbação do estilo Art Déco atribuído à cidade, quando, na verdade, é representado de forma superficial, sem tantos elementos evidentes. Resume-se, apenas, em fachadas de edificações.

Quanto ao mobiliário urbano, não funciona conforme o esperado, visto que as pessoas não o utilizam em decorrência, principalmente, do local onde estão dispostos. Seu desenho também foi criticado, por ser considerado apenas uma “imitação” do estilo Art Déco, não correspondendo à época em que foi implementado (início dos anos 2000). A má conservação e degradação do conjunto também foram relatadas

pelos especialistas de modo unânime, contribuindo também para que não seja utilizado pelas pessoas.

#### 4.3.2 Aplicação de formulários aos usuários primários/especialistas

Os atributos relacionados ao ambiente de estudo, segundo os usuários primários/especialistas, foram identificados e classificados em emoções positivas e negativas (Quadro 5).

Quadro 5: Percepções positivas e negativas dos usuários primários/especialistas.

<b>Atributos</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>SENTIMENTO</b>
<b>Relacionados ao mobiliário urbano</b>			
<b>Presença de mobiliário urbano</b>	3	1	Positivo
Mobiliário Urbano danificado	2	2	Neutro
<b>Relacionados ao ambiente (Rua Maciel Pinheiro)</b>			
<b>Vegetação</b>	0	4	Negativo
Ordem/organização	2	2	Neutro
<b>Qualidade estética</b>	1	3	Negativo
<b>Manutenção</b>	1	3	Negativo
<b>Vigilância</b>	1	3	Negativo
<b>Iluminação</b>	4	0	Positivo
<b>Iluminação deficiente</b>	3	1	Negativo
<b>Comércio/serviços</b>	4	0	Positivo
Pichação	2	2	Neutro
<b>Assaltantes</b>	1	3	Positivo
Sujeira	2	2	Neutro
<b>Vandalismo</b>	4	0	Negativo
<b>Acessibilidade</b>	3	1	Positivo
<b>Proteção a intempéries</b>	3	1	Positivo
<b>Barulho excessivo</b>	3	1	Negativo
<b>Barreiras visuais</b>	3	1	Negativo
<b>Grades/cercas</b>	3	1	Negativo
<b>Usuário de drogas</b>	1	3	Positivo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em seguida, foram posicionados no diagrama de avaliação afetiva (construído por esses usuários na Etapa 2, então relacionadas a espaços urbanos de um modo geral), resultando na Figura 43.

Figura 43: Posicionamento dos atributos no diagrama de avaliação afetiva dos usuários primários/especialistas.



Fonte: Elaborado pelo autor.

As emoções destacadas na Figura 43 mostram que a maioria dos atributos relacionados ao ambiente urbano está localizada no quadrante “RELAXANTE”, o que representa uma avaliação positiva (seguro e agradável em sua maioria). Entretanto, é importante considerar que, embora em menor quantidade, atributos como o vandalismo, o barulho excessivo e as barreiras visuais caracterizam o ambiente como “ESTRESSANTE”. Em menor proporção, o ambiente é considerado “ENTEDIANTE” quando se considera a “ausência de vegetação” e a presença de “grades e cercas”, o que, na visão dos especialistas, proporciona segurança ao ambiente, mas por outro lado o torna menos agradável.

#### 4.3.3 Aplicação de formulários aos usuários finais/comuns

Os atributos relacionados à rua Maciel Pinheiro, segundo os usuários finais/comuns, foram identificados e classificados em emoções positivas e negativas (Quadro 6).



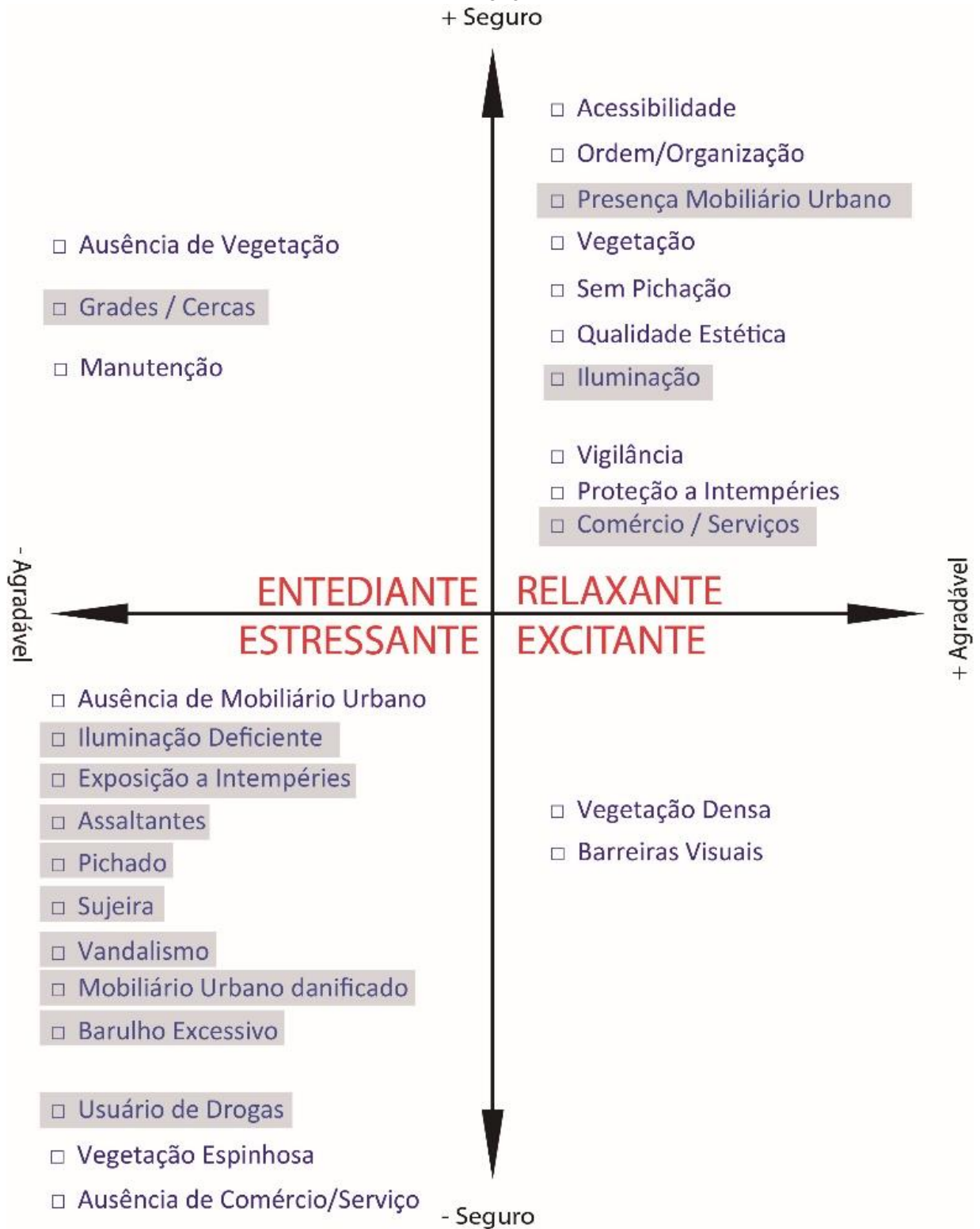
Quadro 6: Percepções positivas e negativas dos usuários finais/comuns sobre o a rua Maciel Pinheiro.

<b>Atributos</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>SENTIMENTO</b>
<b>Relacionados ao mobiliário urbano</b>			
<b>Presença de mobiliário urbano</b>	33	07	Positivo
<b>Mobiliário Urbano danificado</b>	35	05	Negativo
<b>Relacionados ao ambiente (Rua Maciel Pinheiro)</b>			
<b>Vegetação</b>	0	40	Negativo
Ordem/organização	20	20	Neutro
<b>Qualidade estética</b>	18	22	Negativo
<b>Manutenção</b>	16	24	Negativo
<b>Vigilância</b>	10	30	Negativo
<b>Iluminação</b>	36	04	Positivo
<b>Iluminação deficiente</b>	21	19	Negativo
<b>Comércio/serviços</b>	39	01	Positivo
<b>Pichação</b>	25	15	Negativo
<b>Assaltantes</b>	39	01	Negativo
<b>Sujeira</b>	25	15	Negativo
<b>Vandalismo</b>	32	08	Negativo
<b>Acessibilidade</b>	12	28	Negativo
<b>Proteção a intempéries</b>	06	34	Negativo
<b>Barulho excessivo</b>	33	07	Negativo
Barreiras visuais	20	20	Neutro
<b>Grades/cercas</b>	23	17	Positivo
<b>Usuário de drogas</b>	34	06	Negativo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Uma vez posicionados no diagrama de avaliação do espaço pelos usuários finais/comuns, tem-se o seguinte resultado (Figura 44):

Figura 44: Posicionamento dos atributos no diagrama de avaliação afetiva dos usuários finais/comuns, de acordo com suas emoções positivas e negativas relacionadas à rua Maciel Pinheiro.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Em seguida, obteve-se também os atributos relacionados ao Calçadão da Cardoso Vieira, dispostos no Quadro 7. Os usuários finais/comuns consultados nesse local foram identificados e classificados em emoções positivas e negativas.

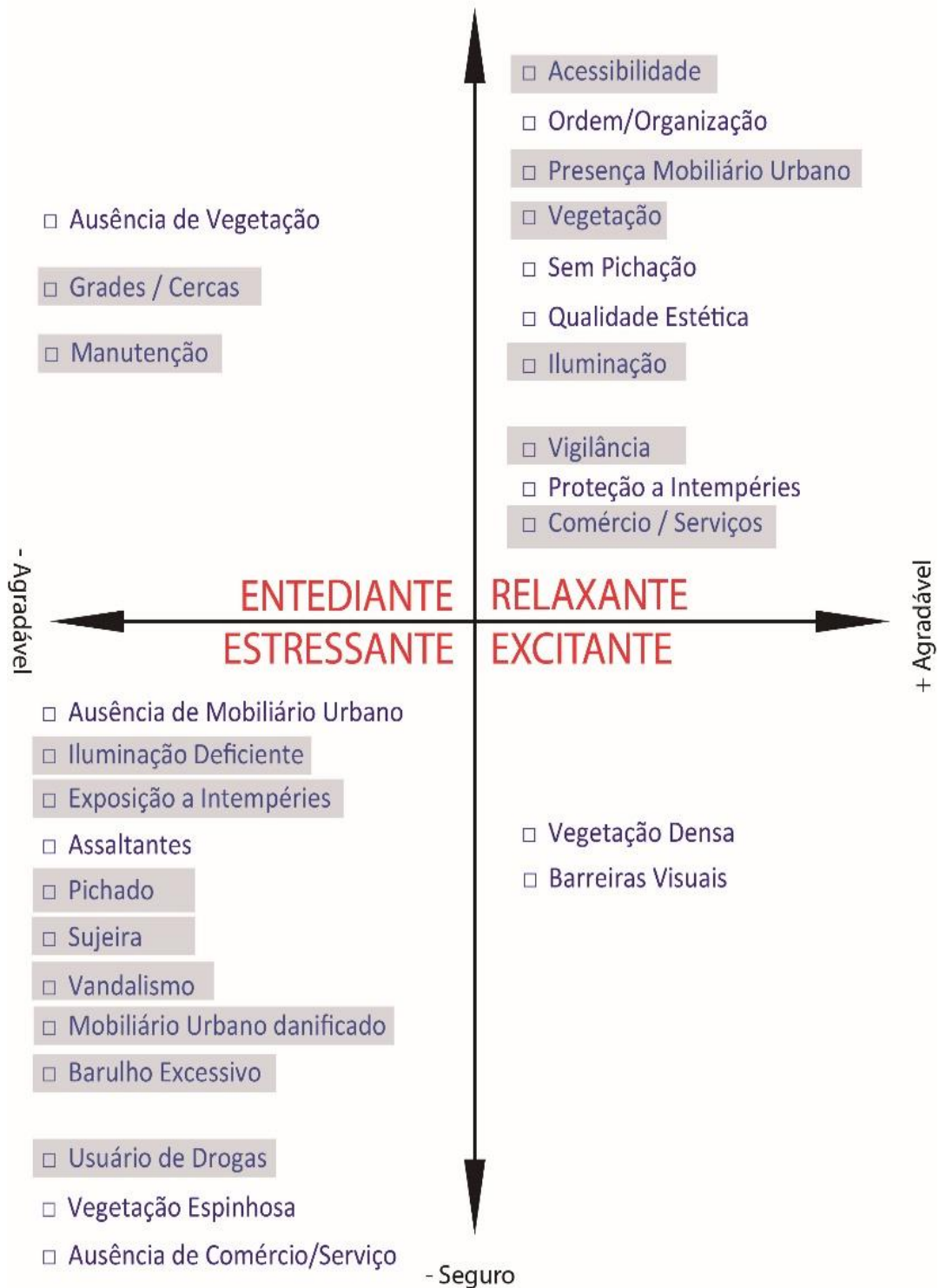
Quadro 7: Percepções positivas e negativas dos usuários finais/comuns sobre o Calçadão da Cardoso Vieira.

<b>Atributos</b>	<b>SIM</b>	<b>NÃO</b>	<b>SENTIMENTO</b>
<b>Relacionados ao mobiliário urbano</b>			
<b>Presença de mobiliário urbano</b>	20	0	Positivo
<b>Mobiliário Urbano danificado</b>	16	4	Negativo
<b>Relacionados ao ambiente (Calçadão da Cardoso Vieira)</b>			
<b>Vegetação</b>	20	0	Positivo
<b>Ordem/organização</b>	10	10	Neutro
<b>Qualidade estética</b>	9	11	Negativo
<b>Manutenção</b>	11	9	Positivo
<b>Vigilância</b>	14	6	Positivo
<b>Iluminação</b>	19	1	Positivo
<b>Iluminação deficiente</b>	11	9	Negativo
<b>Comércio/serviços</b>	20	0	Positivo
<b>Pichação</b>	11	9	Negativo
<b>Assaltantes</b>	10	10	Neutro
<b>Sujeira</b>	15	5	Positivo
<b>Vandalismo</b>	13	7	Negativo
<b>Acessibilidade</b>	17	3	Positivo
<b>Proteção a intempéries</b>	9	11	Negativo
<b>Exposição a intempéries</b>	18	2	Negativo
<b>Barulho excessivo</b>	12	8	Negativo
<b>Barreiras visuais</b>	1	19	Positivo
<b>Grades/cercas</b>	11	9	Negativo
<b>Usuário de drogas</b>	12	8	Negativo

Fonte: Elaborado pelo autor.

As emoções mais representativas do Quadro 7 foram dispostas no diagrama de avaliação afetiva formulado pelos usuários comuns do Calçadão da Cardoso Vieira, resultando na Figura 45.

Figura 45: Diagrama de avaliação afetiva dos usuários comuns do Calçadão da Cardoso Vieira.



Fonte: Elaborado pelo autor.

A partir dos quadros e imagens apresentados em relação aos grupos de usuários, verificou-se que a maioria dos atributos indicados estão posicionados no quadrante denominado “ESTRESSANTE”, ou seja, a população considera o ambiente menos seguro e menos agradável. A vitalidade do ambiente é prejudicada pela presença de diversos atributos que geram sensações negativas, desconforto e insegurança ao usuário (iluminação deficiente, exposição a intempéries, presença de assaltantes, ambiente com pichação, sujeira, vandalismo, mobiliário urbano danificado e usuários de drogas).

A presença de mobiliário urbano foi um dos atributos positivos, segundo os usuários comuns, assim como a iluminação (muito embora a grande maioria considere que seja deficiente) e a presença de comércio e serviços no local. Considerando o pouco uso do mobiliário urbano na rua Maciel Pinheiro durante as observações realizadas na Etapa 1, pode-se compreender que, devido aos atributos gerarem mais sentimentos negativos, o mobiliário urbano do local se apresenta sem utilidade, ajudando a transformar o ambiente estudado em um espaço público que não cumpre sua função.

Assim, as emoções provocadas nos especialistas com relação à rua Maciel Pinheiro são mais positivas, e nos usuários comuns, mais negativas. Os atributos divergentes, segundo os dois grupos de usuários, correspondem à percepção da acessibilidade, exposição a intempéries, pichação, presença de assaltantes, sujeira e usuário de drogas. Ressalta-se que foram apontados pelos usuários comuns, *in loco*, o que sugere a diferença entre estar no local e apenas relatar algo segundo uma experiência prévia. A frequência com que permanecem no local também pode influenciar as respostas.

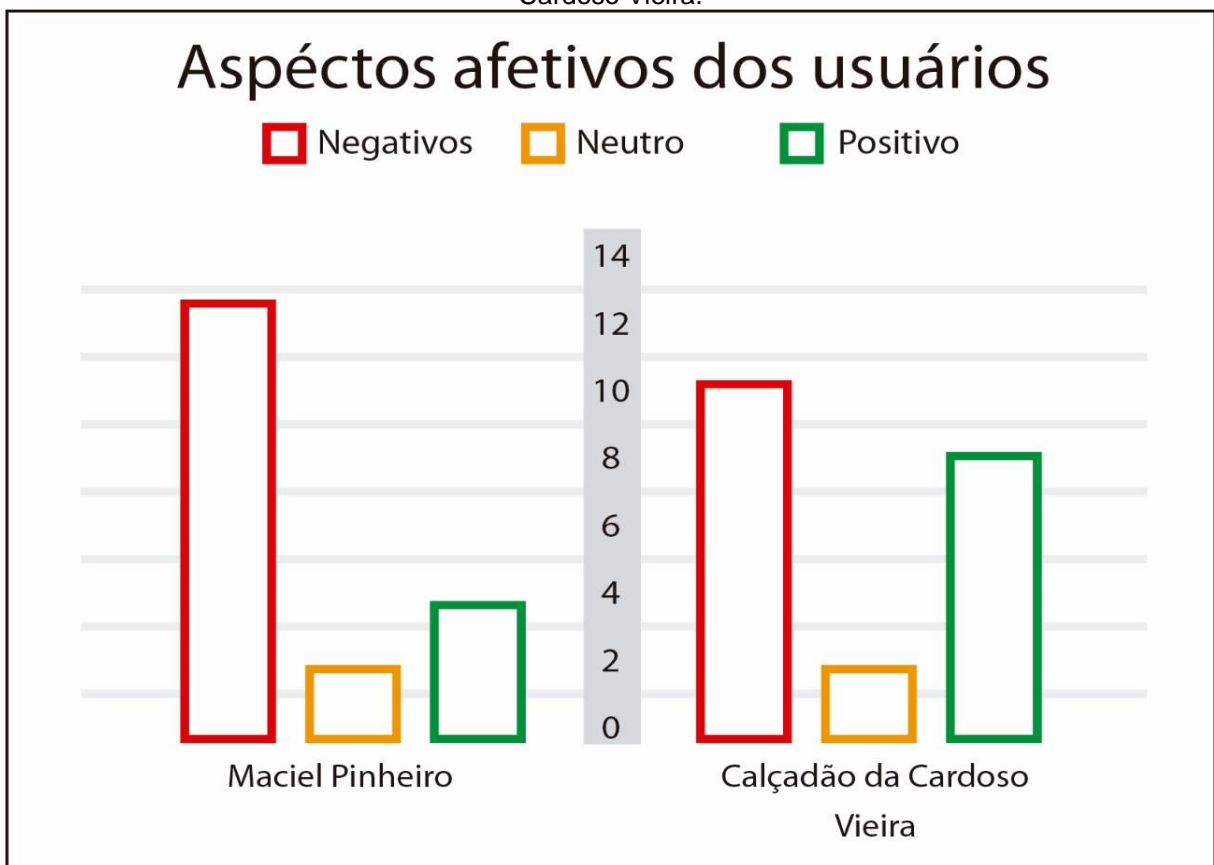
Com relação à neutralidade das emoções, o atributo “ordem/organização” dividiu opiniões em ambos os grupos. Pode-se observar, também, que alguns atributos elencados diferem devido ao grau de instrução sobre o assunto referenciado, como o atributo “barreiras visuais”.

Embora a maioria dos atributos também esteja localizada no quadrante “ESTRESSANTE”, como o que foi identificado na análise dos usuários finais/comuns da rua Maciel Pinheiro, identificou-se o dobro de atributos posicionados no constructo “SEGURANÇA” (presença de grades/cercas; manutenção; acessibilidade; presença de mobiliário urbano; vegetação; iluminação; vigilância e comércio/serviços).

Chama-se atenção ao fato de que houve unanimidade nas respostas para os atributos “presença de mobiliário urbano”, “vegetação” e “comércio/serviços”, o que mais caracteriza o ambiente segundo os usuários.

Quanto às emoções suscitadas nos usuários finais/comuns dos dois ambientes, percebe-se uma predominância de sensações positivas nos usuários do Calçadão da Cardoso Vieira e de sensações negativas nos usuários da rua Maciel Pinheiro (Figura 46).

Figura 46: Comparativo dos aspectos afetivos dos usuários da rua Maciel Pinheiro e do Calçadão da Cardoso Vieira.



Fonte: Elaborado pelo autor.

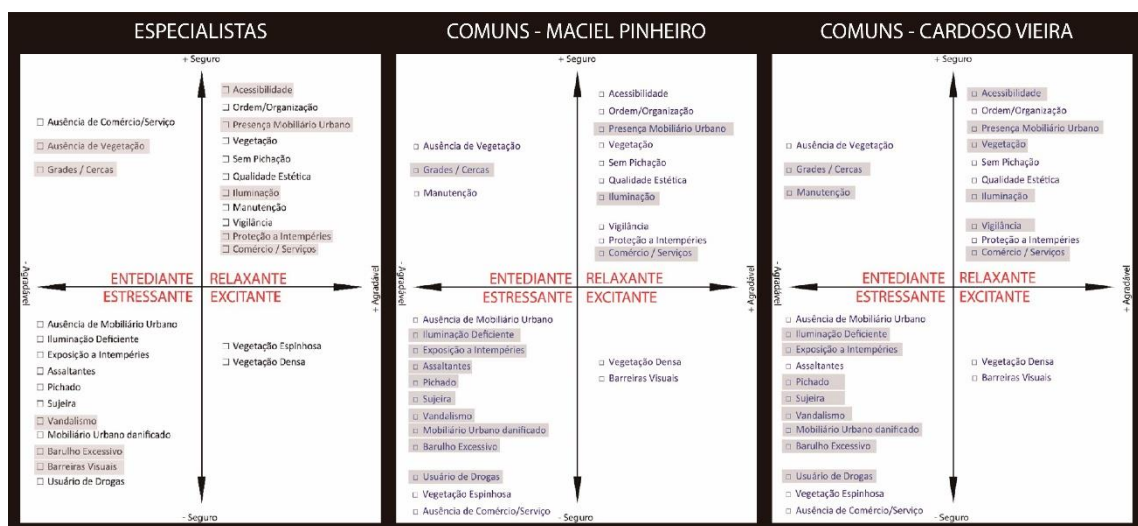
Conclui-se, então, que embora o ambiente do Calçadão da Cardoso Vieira também apresente fatores causadores de sensações negativas, o usuário se sente mais seguro no Calçadão da Cardoso Vieira, o que pode justificar o maior uso do mobiliário urbano nesse espaço.

Com isso, é possível compreender porque o mobiliário urbano da rua Maciel Pinheiro se apresenta sem utilidade, ajudando a transformar o ambiente estudado em um espaço público que não cumpre sua função.

#### 4.3.4 Análise do mobiliário urbano, segundo os usuários

Ao observar o resultado dos diagramas de avaliação afetiva dos usuários primários (especialistas) e dos usuários finais (comuns) apresentados na Figura 47, pode-se identificar os principais atributos que se referem diretamente ao uso do mobiliário urbano nos locais estudados. São eles: **Presença de Mobiliário Urbano, Iluminação, Grades e Cercas.**

Figura 47: Comparativo entre diagramas de avaliação afetiva dos usuários pesquisados.



Fonte: Elaborado pelo autor.

Percebe-se que a **presença do mobiliário urbano** é fator primordial na construção de um ambiente relaxante (mais seguro e mais agradável), fator esse apresentado como consenso pelos pesquisados ao serem destacados no quadrante relaxante dos três grupos. A **iluminação** e as **grades e cercas** recebem o mesmo tratamento que o atributo anterior.

A comparação entre as três avaliações apresenta um fator relevante quanto à percepção de uso dos produtos. A quantidade de atributos negativos apresentados no gráfico dos especialistas é consideravelmente inferior aos apresentados pelos usuários comuns. Itens diretamente ligados ao mobiliário, como **mobiliário urbano danificado** e **iluminação deficiente**, não são levantados pelos especialistas como um problema existente nos locais estudados. Itens que não são ligados diretamente ao mobiliário urbano, mas que interferem no contexto, a exemplo da **exposição a intempéries**, **pichado** e **sujeira**, também são deixados de lado pelos especialistas.



Ao não apresentar um destaque maior dos atributos presentes no quadrante estressante, o grupo de especialistas demonstra estar distante do produto, não tendo uma visão real do contexto de uso, mostrando não ser um usuário direto.

Já a comparação entre o resultado do diagrama de avaliação afetiva dos usuários comuns nos dois ambientes estudados apresenta um panorama de uso do mobiliário urbano que destaca a sua melhor aceitação no Calçadão da Cardoso Vieira em relação a rua Maciel Pinheiro, como mostra a Figura 48.

Figura 48: Comparação da avaliação afetiva dos usuários comuns.



Fonte: Elaborado pelo Autor.

Analisando os quadrantes com mais destaque na avaliação afetiva dos ambientes estudados, pôde-se verificar que a maior presença de atributos considerados relaxantes está vinculada ao Calçadão da Cardoso Vieira, o que mostra o motivo da possível maior aceitação e uso do mobiliário urbano existente no local.

Outra característica importante é a maior quantidade de atributos negativos (quadrante estressante) vinculado à rua Maciel Pinheiro, o que enfatiza a melhor aceitação do conjunto existente no Calçadão.

Mesmo sendo o mesmo conjunto de mobiliário urbano implantado nos dois ambientes estudados, percebe-se que atributos como a **acessibilidade, vegetação e vigilância** fazem com que os usuários do Calçadão da Cardoso Vieira utilizem o mobiliário existente de forma mais assídua que os usuários da rua Maciel Pinheiro.

As características existentes no calçadão da Cardoso Vieira são favoráveis à formação de grupos de conversa, os quais geram uma sensação de comunidade e pertencimento aos usuários, proporcionando um sentimento de maior segurança e aceitação do ambiente. O que não acontece na rua Maciel Pinheiro, pois, como sua principal característica é ser um ambiente de passagem, o conjunto urbanístico gera sensação de insegurança advinda do fluxo de pessoas em deslocamento e de vulnerabilidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para caracterizar o espaço, pôde-se entender que existem duas situações distintas no que se refere à composição do ambiente urbano e sua interação com o usuário. A rua Maciel Pinheiro se apresenta como um ambiente onde as atividades nela desenvolvidas são estritamente necessárias, fazendo com que o usuário (pedestre) não se sinta confortável em permanecer nesse ambiente por muito tempo, haja vista a questão do calor excessivo na maior parte do tempo, o barulho em decorrência do grande fluxo de veículos por ser uma via de saída do centro da cidade. A vulnerabilidade somada à sensação de insegurança são fatores depreciativos ao ambiente, sendo enfatizados pelo tipo de uso promovido no local.

Já o Calçadão da Cardoso Vieira apresenta características mais favoráveis às atividades sociais e opcionais. O mobiliário urbano existente nos dois espaços estudados foi inserido no mesmo período e encontra-se degradado da mesma forma. Porém, o conjunto da Maciel Pinheiro apresenta um uso quase inexistente por parte da população devido a fatores como a falta de proteção a intempéries e vegetação, ocasionando a falta de sombreamento em alguns horários do dia. No Calçadão, esse mesmo conjunto de mobiliário urbano é largamente utilizado devido às condições do entorno, como sombreamento pela vegetação local, ventilação, presença de serviços como lanchonetes, cafeterias, lotéricas e farmácias, somados à distribuição espacial mais favorável. Outro ponto em questão está relacionado ao núcleo de conversas gerado a partir de grupos de usuários conhecidos e assíduos no local. Esse convívio entre os usuários comuns proporciona sensações de pertencimento ao local, segurança e aceitação do espaço como um todo. Nesse sentido, o ambiente, por se configurar como um espaço de convivência, está interferindo diretamente no uso do produto, proporcionando uma sensação de agradabilidade que é passada para o objeto inserido no local, de forma direta e positiva.

O espaço da Maciel Pinheiro apresenta vitalidade apenas em horários comerciais, dado o fluxo de pedestres e comerciantes locais, gerando uma sensação de segurança nos turnos matutino e vespertino. No Calçadão da Cardoso Vieira, o fluxo de pedestre se estende além do horário comercial, evidenciando o caráter social do espaço. Estes aspectos corroboram com as conclusões apontadas por Gehl (2010), quando relaciona a ligação entre a qualidade do mobiliário urbano e sua interação com o usuário.

Quanto à avaliação afetiva do espaço pelos usuários finais, foi constatado um maior número de atributos que levam ao estresse, considerando os constructos de segurança e agradabilidade. Tais atributos são caracterizados negativamente pela insegurança e degradação do espaço urbano. Mesmo com a indicação de atributos negativos nos dois ambientes, pôde-se perceber que a soma com outros fatores, como a distribuição espacial e presença de vegetação, podem suprir as deficiências levantadas junto às emoções negativas. Os especialistas apresentaram uma avaliação afetiva cujo resultado não mostra a realidade de uso dos ambientes porque esse grupo não é usuário direto, o que enfatiza a importância do grupo de usuários comuns/finais o qual apresenta um retrato mais realístico em suas análises. A pesquisa verifica que o usuário comum é o ponto chave nesse contexto, pois ele é quem está vivenciando o dia a dia, ele é que está percebendo os usos mais até que os próprios especialistas.

Os especialistas, por sua vez, quando questionados nas entrevistas, acrescentaram novos aspectos perceptivos acerca do mobiliário urbano e seu entorno: o processo de revitalização no local não funcionou, devido a fatores como a não aceitação de alguns proprietários de prédios privados, o que impossibilitou uma completa reestruturação do ambiente; o processo de revitalização foi feito superficialmente, num aspecto mais comercial e publicitário, havendo um certo exagero na exaltação do Art Déco; o mobiliário urbano projetado com base no referido estilo foi, segundo alguns especialistas, uma tentativa de revivê-lo, tendenciando ao rótulo de falso histórico. Por outro lado, existe o entendimento que esse mobiliário foi apenas inspirado no estilo com a intensão de uma melhor integração ao ambiente, pois tanto os materiais usados quanto o processo de fabricação evidenciam a sua contemporaneidade.

Frente ao exposto, pôde-se responder à pergunta norteadora desta pesquisa, ao verificar que o mobiliário urbano projetado com referência formal e estética no “Déco Sertanejo” pode se integrar ao ambiente construído, ou não. Essa integração depende de vários fatores, a exemplo das questões climáticas e de serviços inerentes ao espaço urbano. Isso é comprovado quando se compara os dois ambientes estudados nesse trabalho, pois o mesmo conjunto de mobiliário urbano está presente em ambos, mas a sua interação com o entorno e com os usuários é diferente, no sentido em que a rua Maciel Pinheiro apresenta um fluxo linear e sua distribuição espacial não promove sensações de agradabilidade e segurança. Ao contrário do

Calçada da Cardoso Vieira que, devido ao conjunto de fatores como boa ventilação, maior sombreamento e distribuição espacial mais favorável, possibilita a consolidação do ambiente como um espaço de convivência para o usuário.

Tendo em vista que o instrumento principal utilizado nessa pesquisa (Diagrama de Avaliação Afetiva do Espaço) pode resultar em diferentes interpretações, foi importante considerar outras variáveis, obtidas a partir de entrevistas. A alteração do diagrama de avaliação afetiva tem a intenção de demonstrar a importância do processo de adaptação da ferramenta diante de um novo ambiente a ser estudado, levando em conta suas características socioculturais e ambientais.

A necessidade de avaliação do espaço a partir do ponto de vista do usuário se mostra de fundamental importância no desenvolvimento do mobiliário urbano. O design centrado no usuário traz a afetividade ao projeto a partir do momento em que suas características estão de acordo com a necessidade do usuário, antes da execução e construção do ambiente urbano.

Este estudo tem a intenção de servir de complemento sobre o assunto abordado, podendo desencadear novas pesquisas que venham a corroborar e ampliar o conhecimento. Para dar continuidade a essa pesquisa recomenda-se:

- Aplicar sua metodologia em outros ambientes com realidades socioculturais diferentes;
- Focar o estudo em outras tipologias de mobiliário urbano;
- Aprofundar o estudo sobre a influência do mobiliário urbano e sua tipologia na construção do espaço urbano;
- Colocar o usuário como fator primordial no desenvolvimento do mobiliário urbano.

## REFERÊNCIAS

- ABNT – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9283**: Mobiliário Urbano. Rio de Janeiro, 1986.
- ARAÚJO, Adriano; SOUZA, Emmanuel. **Retalhos Históricos de Campina Grande**. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/search?q=maciel+pinheiro#.XVP7kOhKi00>. Acesso em: 04 ago. 2019.
- BARBOSA, Ana Carolina de Moraes Andrade. **Imagens, paisagem e situação: análise visual da orla da praia de Boa Viagem**. 2010. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- BARTHEL, Stela Gláucia Alves. **Vestígios do Art Déco na cidade do Recife (1919-1961)**: abordagem arqueológica de um estilo arquitetônico. 2015. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Pernambuco, 2015.
- BORGES, Marília Santana. **Quarteirão sucesso da cidade: o Art Déco e as transformações arquitetônicas na Fortaleza de 1930 e 1940**. 2006. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade de São Paulo, 2006.
- CARDOSO, Rafael. **Design para um mundo complexo**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- CORREIA, Telma de Barros. **Art déco e indústria – Brasil, décadas de 1930 e 1940. Anais do Museu Paulista**, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_serial&pid=0101-4714&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0101-4714&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 04 ago. 2019.
- CRESWELL, J.W. **Projeto de Pesquisa. Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. São Paulo: SAGE, 2010.
- DAMAZIO, V; MONT'ALVÃO, C. **Design Ergonomia Emoção**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2008.
- DESMET, P. Special Issue Editorial: Design & Emotion. *International Journal of Design*, 3(2):1-6. 2009.



DESMET, P.M.A.; HEKKERT, P. The Basis of Product Emotions. In: **W. Green and P. Jordan (Eds.)**, *Pleasure with Products, beyond usability* (60-68). London: Taylor & Francis, 2002.

DIAS, F. **O Medo Social**: e os vigilantes da ordem social. Lisboa: Instituto Piaget, 2007.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Design em Espaço**. São Paulo: Edições Rosari, 2002.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>. Acesso em: 08 ago. 2019.

GIL, A. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2010. **População estimada para o ano de 2015**. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=250400&search=paraiba|campina-grande>. Acesso em: 07 out. 15.

INSTITUTO JOHN GRAZ. **Art Déco de John Graz filtra brasilidade**. Disponível em: <http://www.institutojohngraz.org.br/art-deco-de-john-graz-filtra-brasilidade/>. Acesso em: 04 ago. 2019.

KOOLHAAS, R. **La ciudad genérica**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2011.

LOBACH, Bernd. **Design Industrial** – Bases para a configuração dos produtos industriais. São Paulo: Editora Blucher, 2001.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

MADIA, Enrique H. **Art – Deco Tropical**. *Arquitectura Deco En Concepción*. v.16, n. 28, p. 33 – 36, 2000. Disponível em: <http://revistas.ubiobio.cl/index.php/AS/article/view/902>. Acesso em: 25 nov. 2017.

MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2009.

MASCARÓ, Juan Luis. **Infraestrutura da Paisagem**. Porto Alegre: Masquatro Editora, 2008.

MONTENEGRO, Glielson. **Uma cidade para pessoas**: funcionalidade, racionalidade e emotividade nas relações do mobiliário urbano, espaço público e cidadãos. 2014. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

MUNDURUCA, Eliane A. M. B. **Reabilitação em edifícios e monumentos art déco** – métodos de avaliação dos revestimentos de fachadas. 2013. (Dissertação em Geotecnia, Estruturas e Construção Civil) – Universidade Federal de Goiás, 2013.

NORMAN, D. **Design emocional**: por que adoramos (ou detestamos) os objetos do dia-a-dia. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

OKAMOTO, Jun. **Percepção ambiental e comportamento**: visão holística da percepção ambiental na arquitetura e na comunicação. São Paulo: Editora Mackenzie, 2002.

OLIVEIRA, J. C. Melo de. **Campina Grande**: a cidade se consolida no Século XX. 2007. Monografia (Curso de Geografia) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

PAZMINO, Ana Veronica. **Como se cria**: 40 métodos para Design de Produto. São Paulo: Editora Blucher, 2015.

PIZZATO, Gabriela Zubarán de Azevedo. **Design e emoção na utilização do mobiliário urbano em espaços públicos**. 2013. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

QUEIROZ, Marcus Vinícius Dantas de. Art Déco em Campina Grande (PB): valorização, patrimonialização e esquecimento. **Revista UFG**, Goiânia, n. 8, p. 35-40, jul. 2010. Disponível em: < [https://www.proec.ufg.br/up/694/o/08\\_ArtDecoemCampinaGrande.pdf](https://www.proec.ufg.br/up/694/o/08_ArtDecoemCampinaGrande.pdf) >. Acesso em: 25 nov. 2016.

\_\_\_\_\_. **Quem te vê não te conhece mais**: arquitetura e cidade de Campina Grande em transformação (1930-1950). Campina Grande: EDUFCEG, 2016.

RIBEIRO, Cláudio Rezende. A ideologia genérica ou a crítica da crítica de Rem Koolhaas. **Arquitextos**, São Paulo, ano 11, n. 121.03, Vitruvius, jun. 2010.

ROSSI, Lia Monica. Art Déco Sertanejo e uma revitalização possível: programa Campina Grande Déco. **Revista UFG**, Goiânia, n. 8, p. 35-40, jul. 2010. Disponível em: < [https://www.proec.ufg.br/up/694/o/08\\_ArtDecoSertanejoemarevitalizacao.pdf](https://www.proec.ufg.br/up/694/o/08_ArtDecoSertanejoemarevitalizacao.pdf)> . Acesso em: 25 nov. 2016.

SALVADOR, Sabrina Carmin. **As edificações Art Déco na paisagem urbana: um estudo de caso em Criciúma – SC**. 2012. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

SCHJETNAN, Mario; PENICHE, Manuel; CALVILLO, Jorge. **Principios de Diseño Urbano/Ambiental**. México: Editora Limusa, 2008.

SOUZA, José Marconi Bezerra de; ROSSI, Lia Monica. 2014. Art Déco Sertanejo: proposta de análise morfológica e sintática de elementos geométricos de fachadas populares nordestinas. In: Coutinho, Solange G.; Moura, Monica; Campello, Silvio Barreto; Cadena, Renata A.; Almeida, Swanne (orgs.). **Proceedings of the 6th Information Design International Conference, 5th InfoDesign, 6th CONGIC** [= Blucher Design Proceedings, num.2, vol.1]. São Paulo: Blucher, 2014. ISSN 2318-6968, ISBN 978-85-212-0824-2 DOI Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5151/designpro-CIDI-121> Acesso em: 10 jul. 2018.

SOUZA, José Marconi Bezerra de; ROSSI, Lia Mônica. **Art Déco Sertanejo: proposta de análise morfológica e sintática de elementos geométricos de fachadas populares nordestinas**. 2013. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/269163363\\_Sertanejo\\_Art\\_Deco\\_analytical\\_proposal\\_for\\_syntactic\\_and\\_morphological\\_analysis\\_of\\_geometric\\_elements\\_from\\_Northeasts\\_popular\\_facades](https://www.researchgate.net/publication/269163363_Sertanejo_Art_Deco_analytical_proposal_for_syntactic_and_morphological_analysis_of_geometric_elements_from_Northeasts_popular_facades). Acesso em: 15 mar. 2019.

TAMBINI, Michel. **O Design do Século**. São Paulo: Editora Ática, 1999.

TONETTO, L. M.; COSTA, F. C. X. Design Emocional: Conceitos, abordagens e perspectivas de pesquisa. *In: Strategic Design Research Journal*, v. 4, n. 3, p. 132-140, Set./Dez. 2011.

## ANEXOS

## Anexo A – Parecer consubstanciado do CEP

UFCG - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO ALCIDES  
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Design e emoção no espaço público: Um estudo sobre a percepção do usuário e sua interação com o mobiliário urbano inspirado no "Déco Sertanejo".

**Pesquisador:** AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 88247718.0.0000.5182

**Instituição Proponente:** Centro de Ciências e Tecnologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 2.985.049

**Apresentação do Projeto:**

Trata-se de uma pesquisa de mestrado voltada para análise da interação entre os usuários e o mobiliário urbano inserido na Rua Maciel Pinheiro, em Campina Grande-PB

**Objetivo da Pesquisa:**

Avaliar o mobiliário urbano, desenvolvido a partir do contexto histórico do Art Déco da Rua Maciel Pinheiro, na cidade de Campina Grande-PB, com foco na interação com os usuários, analisando assim, os seus aspectos emocionais e ambientais.

**Avaliação dos Riscos e Benefícios:**

Através da investigação do estudo, pretende-se identificar prováveis problemas existentes desde a concepção do mobiliário urbano no espaço em questão (Rua Maciel Pinheiro), podendo servir como parâmetro para projetos futuros ou revitalizações do próprio ambiente construído a partir do design emocional

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Apesar de bem estruturada, a pesquisa possui caráter científico e observa os princípios básicos para preservação da imagem do sujeito-pesquisado

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Todos foram devidamente apresentados.

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n  
Bairro: São José CEP: 58.107-670  
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE  
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO ALCIDES  
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.985.049

**Recomendações:**

sem recomendações

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Sem pendências

**Considerações Finais a critério do CEP:**

Liberado Ad Referendum

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_970423.pdf	31/08/2018 21:55:04		Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_CEP_AGENOR.pdf	31/08/2018 21:54:10	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.docx	31/08/2018 21:53:06	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	apendice_6_roteiro_questionario_atributos_usuarios_comuns_segunda_etapa.docx	10/04/2018 12:35:39	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	apendice_5_roteiro_entrevista_especialistas_segunda_etapa.docx	10/04/2018 12:35:23	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	apendice_4_Diagrama_atributos_grupos_focais_primeira_etapa.jpg	10/04/2018 12:35:04	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	apendice_3_imagens_para_a_primeira_etapa_grupos_focais.docx	10/04/2018 12:34:30	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	apendice_2_entrevista_grupo_focal_2_primeira_etapa.docx	10/04/2018 12:34:01	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	apendice_1_entrevista_grupo_focal_1_primeira_etapa.docx	10/04/2018 12:33:40	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	Inicio_Pesq_Agenor.jpg	10/04/2018 11:35:55	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Outros	Divulgacao_Agenor.jpg	10/04/2018 11:33:02	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Anuencia_Agenor.jpg	10/04/2018 11:31:16	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Compromisso_Agenor.jpg	10/04/2018 11:30:52	AGENOR VELOSO DA SILVA JUNIOR	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_pesquisa_agenor.pdf	10/04/2018	AGENOR VELOSO	Aceito

Endereço: Rua: Dr. Carlos Chagas, s/n  
Bairro: São José CEP: 58.107-670  
UF: PB Município: CAMPINA GRANDE  
Telefone: (83)2101-5545 Fax: (83)2101-5523 E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFMG - HOSPITAL  
UNIVERSITÁRIO ALCIDES  
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 2.985.049

Folha de Rosto	Folha_de_rosto_pesquisa_agenor.pdf	11:29:06	DA SILVA JUNIOR	Aceito
----------------	------------------------------------	----------	-----------------	--------

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Apreciação da CONEP:**

Não

CAMPINA GRANDE, 26 de Outubro de 2018

Assinado por:

**Andréia Oliveira Barros Sousa**  
(Coordenador(a))

**Endereço:** Rua: Dr. Carlos Chagas, s/ n  
**Bairro:** São José **CEP:** 58.107-670  
**UF:** PB **Município:** CAMPINA GRANDE  
**Telefone:** (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br



## APÊNDICES

### APÊNDICE 1 – PAUTA PARA ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL (Grupo 1 – Usuários Primários/Especialistas)

Este roteiro de entrevista é um dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa de mestrado intitulada:

**DESIGN E EMOÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO:  
a percepção do usuário e sua interação com o mobiliário urbano  
inspirado no “Déco Sertanejo”.**

Esta etapa tem por objetivo coletar dados referentes à concepção do projeto, às diretrizes projetuais e ao referencial histórico que definiram o resultado final. Os dados coletados serão utilizados somente para fins desta pesquisa (dissertação e artigos científicos), constando os devidos créditos.

Dados pessoais:

Formação: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Área de atuação: \_\_\_\_\_

#### PERGUNTAS NORTEADORAS

QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O ESTILO ART DÉCO EM CAMPINA GRANDE?

VOCÊ CONHECEU O PROJETO DE REVITALIZAÇÃO DENOMINADO “CAMPINA DÉCO” REALIZADO PELA PREFEITURA DE CAMPINA GRANDE NO INÍCIO DOS ANOS 2000? QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE ELE?

O OBJETIVO DA REVITALIZAÇÃO FOI ALCANÇADO?

QUAL A SUA OPINIÃO SOBRE O CONCEITO APRESENTADO NO PROJETO?

#### ESPECÍFICA PARA OS PROJETISTAS:

HOUVE ALGUM TIPO DE PESQUISA COM OS USUÁRIOS? (LEVANTAMENTO DE DEMANDA)

## APÊNDICE 2 – PAUTA PARA ENTREVISTA COM GRUPO FOCAL (Grupo 2 – Usuário Final)

Este roteiro de entrevista é um dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa de mestrado intitulada:

### **DESIGN E EMOÇÃO NO ESPAÇO PÚBLICO: a percepção do usuário e sua interação com o mobiliário urbano inspirado no “Déco Sertanejo”.**

Esta etapa tem por objetivo coletar dados referentes à concepção do projeto, às diretrizes projetuais e ao referencial histórico que definiram o resultado final. Os dados coletados serão utilizados somente para fins desta pesquisa (dissertação e artigos científicos), constando os devidos créditos.

Dados pessoais:

Formação: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_ Área  
de atuação: \_\_\_\_\_

#### **PERGUNTAS NORTEADORAS**

O QUE VOCÊ ACHA DE CAMPINA GRANDE?

COMO VOCÊ SE SENTE QUANDO ESTÁ USANDO ESSE ESPAÇO URBANO?

QUAL A SUA OPINIÃO EM RELAÇÃO AO MOBILIÁRIO URBANO (BANCOS, POSTES, LIXEIRAS, ETC.) AQUI EXISTENTE?

APÊNDICE 3 – IMAGENS APRESENTADAS JUNTO À APLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS AOS GRUPOS FOCAIS (levantamento fotográfico do mobiliário existente na rua Maciel Pinheiro, Campina Grande – PB).











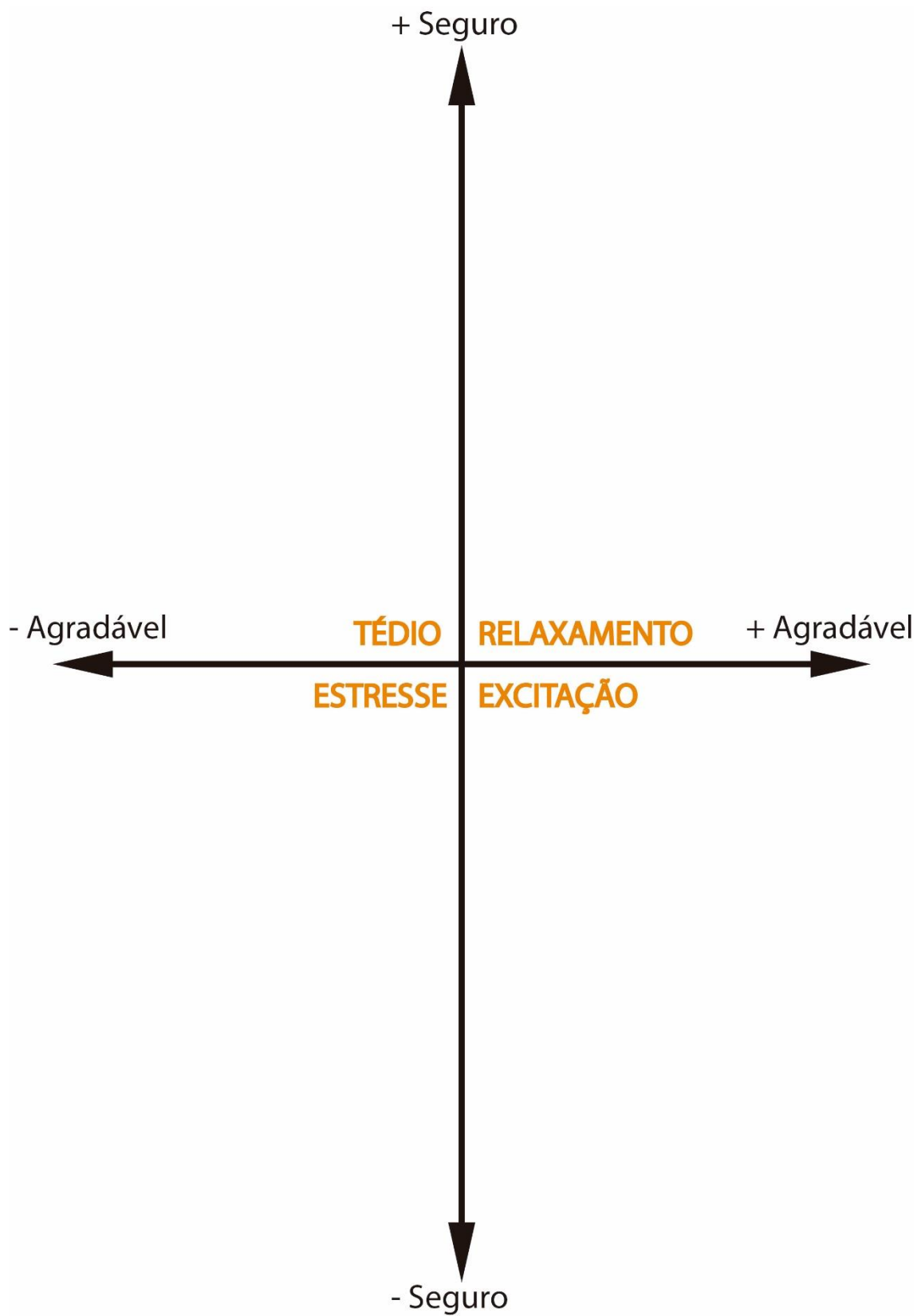








## APÊNDICE 4 – Diagrama de avaliação afetiva de espaços.



## APÊNDICE 5 – Roteiro de entrevistas especialistas.



Universidade Federal de Campina Grande  
 Unidade Acadêmica de Design  
 Programa de Pós-Graduação em Design  
 Mestrado em Design

### ROTEIRO PARA ENTREVISTA

Este roteiro para entrevista é um dos instrumentos de coleta de dados da pesquisa intitulada: **Design e Emoção no Espaço Público: Um estudo sobre a percepção do usuário e sua interação com o mobiliário urbano inspirado no “Déco Sertanejo”**. Esta etapa tem o objetivo de coletar dados referentes à concepção do projeto, às diretrizes projetuais. Os dados coletados serão utilizados somente para fins desta pesquisa (dissertação e artigos científicos), constando os devidos créditos.

Dados pessoais:

Nome: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

Área de atuação: \_\_\_\_\_

1. De um modo geral, o que você acha de Campina Grande-PB?
2. Qual a importância do Movimento Art Déco para Campina Grande-PB?
3. Qual a importância do projeto Campina Déco para Campina Grande-PB?
4. Qual o objetivo da revitalização?
5. Qual o conceito do projeto?
6. Houve algum tipo de pesquisa com o usuário?
7. Você pode falar um pouco mais sobre o projeto?
8. Como você se sente quando está utilizando o espaço urbano da rua Maciel Pinheiro?
9. Qual a sua opinião em relação ao mobiliário urbano (bancos, postes, lixeiras, etc.) existente na rua Maciel Pinheiro?

## APÊNDICE 6 – Roteiro de entrevistas usuários.

### FORMULÁRIO - ATRIBUTOS

Relacione aos atributos abaixo com o espaço urbano do Centro Histórico:

Atributos	SIM	NÃO
1. Mobiliário Urbano		
2. Ordem/Organização		
3. Vegetação		
4. Iluminação		
5. Comércio/Serviço		
6. Pichação		
7. Exposição a Intempéries		
8. Qualidade Estética		
9. Assaltantes		
10. Manutenção		
11. Vigilância		
12. Sujeira		
13. Vandalismo		
14. Acessibilidade		
15. Mobiliário Urbano danificado		
16. Proteção a Intempéries		
17. Barulho Excessivo		
18. Barreiras Visuais		
19. Grades / Cercas		
20. Usuário de Drogas		